

## A questão Calmon

**N**ADA que mais comprometta uma causa que os excessos commettidos, tanto do lado dos que a defendem como do lado dos que a atacam. E triste causa foi esta que tanta bulha fez no paiz e tão profundo echo teve no Brasil, e que ficará já agora conhecida por *A questão Calmon*.

Quem quizesse observar-a sob o restricto ponto de vista da legalidade, em duas palavras diria tudo e teria exgotado o assumpto. O que, porém, a caracterizou, o que fez d'ella uma questão tensa, violenta, irritante, não reside na lei e está absolutamente fóra da sua alçada. Começou por uma questão de sentimento, de um protesto paternal isolado, de um sentimento puramente paternal derivou n'um protesto colectivo, e acabou por se tornar n'uma verdadeira questão politico-religiosa, em que lamentáveis e desastrosos exaggeros, de um lado e de outro, originaram conflictos populares e luctas de seita e de classe.

Como ainda era natural a questão ampliou-se, interveio a força publica, cada vez se foram acirrando mais os animos a autoridade atacou a liberdade individual como a multidão atacou a propriedade particular, como a reacção atacou o sentimento da familia, de todas as bandas surgiram os pescadores d'aguas turvas, e provou-se á farta, finalmente, que tanto no liberalismo como na reacção ha jacobinos e fanaticos capazes de reproduzir as selvagerias e carnificinas de outras épocas.

O governo viu-se na dura necessidade de adoptar providencias violentas, suspender garantias, mandar um cruzado ao Porto em reforço da autoridade, e, como lhe cumpria, cobrir e defender os actos do seu delegado na segunda cidade do reino.



**D. ROSA CALMON**

No parlamento não podiam deixar de ter echo estes acontecimentos, os deputados do Porto mais de uma vez interpellaram o chefe do gabinete que em todas as respostas a essas interpellações sustentou que o seu dever era a todo o transe, por todos os meios, manter a ordem publica.

Quizeram obrigar o a declarar que com relação ás ordens e congregações religiosas poria em pratica as medidas energicas de Joaquim Antonio de Aguiar e Anselmo Braamcamp, mas não conseguiram d'elle senão a affirmação de que na situação violenta creada no Porto era a questão da ordem publica que predominava a tudo.

De resto as casas religiosas continuarão a subsistir, apesar de todas as interpellações e de todos os protestos, em primeiro logar porque as principaes vivem e florescem á sombra das bandeiras de outros paizes, em segundo logar porque boa ou má, não foi o governo actual que creou a situação existente, e porque a gloria ou coragem de acabar com o que por todos os seus antecessores tem sido respeitado e mantido, não a quer elle para si.

Seja como fôr, e visto que começamos por frisar a origem dos tumultos do Porto, retratemos estas leves considerações accentuando que o triste resultado de tudo isto foi ver-se o governo de um paiz amigo na triste necessidade de mandar retirar da segunda cidade do reino um homem distincto pelo nascimento e pela educação, que não conseguiu evitar as malfadadas consequências d'um acontecimento para que não contribuiu e de que foi victima.



**DR. CALMON**

Consul do Brasil, no Porto

# THOMAZ RIBEIRO

Muitos falaram já eloquentemente do conselheiro, do secretário geral da Índia, do deputado, do par do reino, do ministro, do poeta laureado; mas a poucos, a bem poucos será dado falar do rapaz, d'esse rapaz elegante e desempenhado, que, aos dezesseis annos da sua idade, transpuz os umbraes da Porta Feres, trahendo com elegancia a sua capa de novato, e affirmando na altivez da sua frente espacosa que estava ali alguém.

Bonito moço, com o seu olhar meigo e luminoso, com o seu pequenino bigode escuro, hombros altos e largos, e pô pequeno, pô distincto, que é um característico de pessoa escolhida e fadada para ter facil e feliz ingresso na boa sociedade.

Quando Thomaz Ribeiro entrou em Coimbra, estavam gosando de boas créditos os estudantes de Vizeu.

Ainda vivia na tradiçãõ a elegancia do Chico Mendes, a gravidade e a notoriedade de Francisco Campos; e ainda lá estava o Albuquerque da casa do Arco e o Brandão d'Albuquerque, e entre todos florescia o Albino theologo, que passava por ser o talento mais brilhante de todos os cursos da faculdade, e o Silva Gaio começava a affirmar-se, e o Albino Gerales já prediziendo, na sua compositora, o futuro lento de philosophia.

Thomaz Ribeiro não deshonrou a boa fama dos patriotas, e se nos dois primeiros annos do seu curso não obteve logo a notoriedade que lhe pertencia, culpa foi dos grandes acontecimentos, que absorveram todas as attenções da mocidade academica, — a revolta da regeneraçãõ, e no anno seguinte a viagem de sua magestade a Rainha D. Maria II, acontecimentos ambos coroados pelo perdõ d'acto, tão agradável para a rapaziada... estudiosa.

Se me não atraiaõ a memoria, foi no terceiro anno que Thomaz fez a primeira vez recitou no theatro academico, levando a grande e feliz novidade de declamar a poesia, de lhe dar vida, de a representar com o gesto e com a expressãõ physionomica, em auxilio da modulaçãõ da voz, que era n'elle um encanto.

Lembro-me da impressãõ que no auditorio causou o modo como elle disse aquella poesia:

Não gostões de um cemiterio?  
Pois vinde comigo, entraes!  
Qu'ei o dobre fuzero,  
Se virdes a cruz, orae!

A esse tempo, quasi se não recitavam no theatro academico senão poesias de José Freire de Serpa Pimentel, que depois foi visconde de Gouvêa.

Os outros poetas da geraçãõ academica, demasiado lyricos, só se entregavam a versinhos amorosos ou bucolicos, de tão curto tolo que não davam para a recitaçãõ theatral. João de Lemos, que aliás recitava monotonamente, Antonio Pereira da Cunha, Antonio Xavier Rodrigues Cordeiro, Augusto de Lima e outros que haviam sido colaboradores do *Troador*, tinham terminado já a sua formatura; João de Deus, tendo interrompido o curso por um anno, affirmava-se mais como eximio no desenho e no deliblar da banza, do que no lyrismo poetico, que só mais tarde começou a cultivar; e se outros poetas havia, — que não deixaram nunca de os produzir as aguas do Mondego, — não eram a esse tempo de grande nomeada.

Ainda assim, por essa época, publicava-se o *Novo Troador*, em que Thomaz Ribeiro collaborou.

Pisando as taboas do palco, o moço poeta associou-se naturalmente ao grupo dos actores, a cuja frente estava Philippe do Quental, o papá Philippe, como a rapaziada lhe chamava, e cuja primeira figura era José Gomes Arouca, um verdadeiro genio de actor, que ora fazia o papel de Yago, quando Luiz da Costa, já formado, lá representou por especial licença o Othello, ora representava papéis comicos, ora fazia de mulher, sempre com a mesma naturalidade e intuaçãõ artistica, perdidã e sacrificada depois n'um logar de administrador de conceelho.

Thomaz porém não se revelou como actor e continuou sendo poeta e recitando primorosamente as suas poesias.

Pelo entrudo de 1854, deu-se o grande conflicto entre estudantes e fútricas, conflicto sangrento, em que se praticaram actos de bravura, e nos quaes Thomaz figurou, como valente rapaz d'aquella valentissima Beira Alta, do quadrado da mania, como então chamavam ao espaço que fica entre a Serra da Estrela e a do Caranillo.

Depois, a academia partia toda a pé para Thomar, no intuito de entrar em Lisboa; e Thomaz Ribeiro era o commandante da companhia de actores e musicos, entre os quaes havia estudantes que vieram a occupar distinctissimos logares na sociedade.

O apito do contra-regra servia de corneta á companhia, que foi das mais disciplinadas e das mais valentes n'aquella violenta marcha, que o brio juvenil animava.

Commandavam as hostes academicas Manoel Pinto de Araujo, que foi o iniciador do movimento de exodo, e teve o cognome de

Samuel Gelb portoguez, João Antonio dos Santos Silva, que já tinha a alcunha de Padre Casimiro, pelo seu espirito revolucionario, affirmado desde 1846, e que de pois foi notabilissimo orador parlamentar, e Carlos Ramiro Continho, que morreu visconde de Ouguela.

Dissolvida em Thomar a peregrinaçãõ, por ordem de Rodrigo da Fonseca Magalhães, ao tempo ministro do reino, — e que dizia ter muita pena de não dar ás senhoras de Lisboa aquella brilhante espectáculo da entrada das hostes academicas de capa e batina, traje ainda então desconhecido na capital, — Thomaz Ribeiro voltou a Coimbra, onde completou os seus estudos, travando intima amizade com Barjona de Freitas, que não era um poeta, mas um romantico no mais alto grãu e apreciava como poucos as bellezas da poesia; e essa amizade, nunca esquecida nem resfriada, de muita maneira contribuiu para abrir ao moço poeta as portas da vida official.

Recolheu á sua Tondela, e visitando a espaços a sua Parada de Gonta, por ahi, entre os cuidados de funcionario administrativo, concebeu, planeou e executou os seus poemas, tendo sido para mim um encanto a viagem, que com elle fiz, e em que me foi mostrando todos os logares descriptos no *D. Jayme* e na *Delfina do mal*, todos os logares e alguns dos personagens, entre os quaes a formosa Anninhas.

Que phantasia brilhante, que ardente patriotismo, que sentimentalidade affectiva tinha aquella rapaz, tornado homem, aquella honra, feito alto funcionario e carregado de cargos e de distincções!

Aquelle moço, que tão distincto ficava com a capa e batina como com a jaleca á hespanhola e cinta encarnada, como com a casaca aristocratica ou a farda de ministro, aquella rapaz, cuja voz tinha tons quees especialmente quando a aquecia o impulso do patriotismo e cuja palavra encantadora se desentranhava em phrases de poetica eloquencia, aquella rapaz, que nascera em berço modesto e fora acalentado pelas difficuldades da vida, mas que nunca esqueceu o sentimento de gratidão para os que lhe quizeram bem e lhe abriram o caminho, aquella rapaz, que confessava a pena de nunca ter visto Lisboa, chegou enfim á capital, e o mesmo foi chegar que vencer.

Recebido, como bem vindo, no Tibur de S. Francisco de Paula, onde o glorioso Castilho, á sombra das olaias, revelava, em cada dia, segredos novos da melodiosa lingua portogueza, e cada dia descobria encantamentos novos á metrificaçãõ, Thomaz Ribeiro ahi fez pacto de confraternidade litteraria com Ribeiro Chagas, então na pujança do seu juvenil engenho poetico, com Rodrigues Cordeiro, o mais entusiasta admirador do mestre, com Julio de Castilho, o digno herdeiro do poeta dos *Cúmes do Bardo*, e com tantos outros que cercavam de admiraçãõ e estima o cego vidente.

A fama do auctor do *D. Jayme* voltou breve d'esse arceopago de poetas, a encher Lisboa, a encher Portugal, a encher o Brasil, e a entusiasmar todos quantos sentiam palpitar no coração o amor da patria.

D'aqui em diante, a missãõ compete a outros biographos, que não a mim, empenhado só em excavar em remoto passado reminiscencias de um tempo, de que já bem poucos ha que se possam recordar.

Aquelle cerebro trabalhou muito e cançou-se, aquelle coração muito amou e muito soffreu. O coração e o cerebro deviam malta-o. Mas entre tantas aptidões brilhantes, entre tantas conquistas de gloria e de renome, Thomaz Ribeiro só para uma coisa nunca teve aptidão, absolutamente nenhuma aptidão: foi para enriquecer.

Viram-o nas academias, viram-o nas camaras, viram-o nos conselhos da corã, viram-o na mais selecta e distincta sociedade, nunca o viram nas empresas, nas companhias, nos syndicatos, nas operações de bolsa, no jogo de fundos.

Decididamente era um inhabil aquelle distincto rapaz, que eu comecei a conhecer ha meio seculo!



Thomaz Ribeiro quando escreveu a *D. Jayme*



O retrato mais antigo de Thomaz Ribeiro

# Thomaz Ribeiro <sup>(1)</sup>

Faz justamente agora 32 annos, que lhe apertei a mão, pela primeira vez.

Estava elle na flor da vida.

Éra deputado, e já a sua palavra fluente e colorida prometia o distinctissimo parlamentar, que hoje é.

Tinha escripto o *D. Jayme*. O eminente poeta apparecia de improviso na sociedade mais escolhida de Lisboa, com a sua physionomia insinuante, a sua voz encantadora, o seu peregrino talento, e honrado caracter, que vale ainda mais que a sympathia do rosto, a seducção da voz, e os laureis do talento!

O *D. Jayme* foi um successo litterario que deu brado!

Thomaz Ribeiro tinha vivido e sentido o seu poema. As montanhas nativas; fraguedos brutos, torrentes caudaes; chapadas, correjos, algares; vales profundos, e rumorosos; fontes crystalinas, souts de castanheiros, ondulado aos bafejos da aragem da primavera, ou estorcendo-se ao furacão austral da inverno, deviam, alternadamente, decorar o quadro, onde ia dar-se o drama com os sorrisos do idyllio e as lagrimas da tragedia!

Copiou do vivo, firmou as linhas, deu o tom e acertou as côres proprias.

O poema, que abria no coração, firmára-se na memoria, e quando o poeta, commovido, recitava admiravelmente as suas estrophes, o auditorio escutava-o suspenso e maravilhado!

Então os applausos! — e os maiores, mais queridos para o poeta, eram os menos ruidosos — um sorriso, uma lagrima, em olhos feminis!

A inveja, sempre na sombra, mas sempre áerta, acudiu — pudéra! — e colleando e silvando, com a baba nos dentes, atirou-se ao auctor festejado.

Os invejosos são baptisados com vinagre e tem horror à agua, como hydrophobos.

Thomaz Ribeiro, faça-se-lhe justiça, ergueu a cabeça arejada e luminosa, e deixou passar os invejosos assanhados, colleando e silvando. Em pouco mais de dois mezes, a primeira e grande tiragem do *D. Jayme*, seguiu-se a segunda.

Era saudado, com equal enthusiasmo, em Portugal e no Brasil.

Elle nunca se infanou, á semelhança de tantos, que, logo aos primeiros tragos de uma gloriola, cambaleiam como ebrios!

Foi por essa epoca que eu viajei pela Beira e andei por lá muitos mezes.

Encontrámo nos em casa de Abranches Homem, em Torrozello. Abranches Homem, nobilissimo caracter, e respeitavel e virtuosa familia a sua!

Um dia, a 15 de agosto de 1862, partimos para o cimo da Serra da Estrella.

Esse dia não se apaga da memoria de Thomaz Ribeiro, da minha, e dos poucos que ainda restam d'aquelles que nos acompanharam.

Quando chegámos ao viso, á grande chapada, o sol rutilava immaculado na esfera azul e crystalina; corria a aura da montanha, ampla e salutar; desdobravam-se as ondas da serra a nossos pés, como as ondas enormes da tormenta, solidificadas.

Thomaz Ribeiro declamou alguns bellissimos versos do seu poema.

Que horizontes tínhamos diante dos olhos! que planuras relvosas e floridas! que enthusiasmos de mocidade!... Agora, no pendor do monte, no declivio escorregadio, que se precipita sobre a grande valla, vamos calcando aos pés as petalas das desfolhadas e mortas illusões.

Tenho de escrever estas linhas em tempo tão apertado, que nem posso assignalar os passos mais notaveis da vida do grande poeta do *D. Jayme*.

Mas quem não conhece essa vida serena e fecunda!

Thomaz Ribeiro, com a sua razão solida, espirito lucido, e amor



Igreja de Parada de Gonta

ao trabalho; sem fargar por mão as letras, que lhe deram tanta luz, entrou pelos sarcaes da politica, rompeu e abriu caminho.

Triunphou em toda a parte: na imprensa, no parlamento, no fóro, onde, com os relampagos da sua palavra, é patrono solido dos desgraçados!

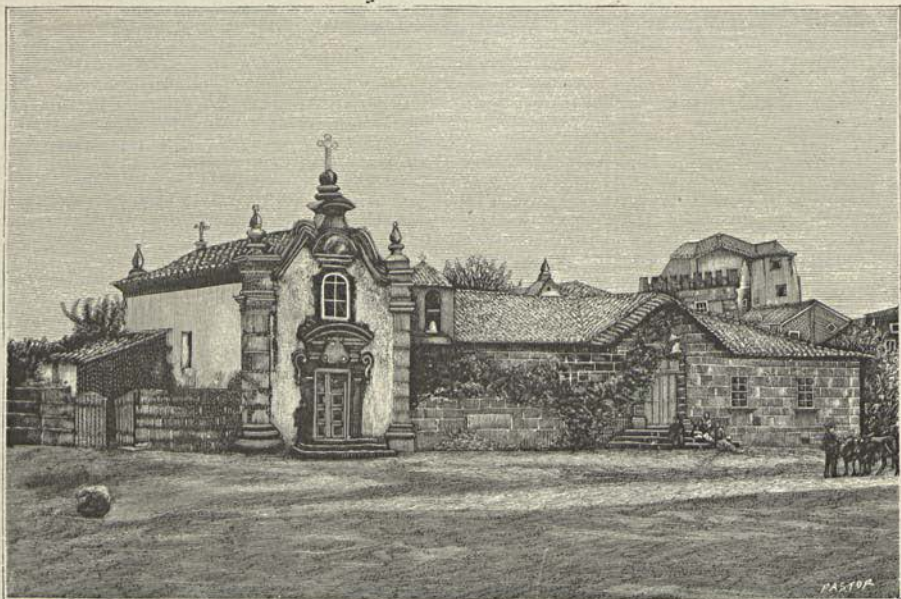
Venceu: e que muito, pois, se tem tudo para ser vencedor: — saber copioso, mão para o punho da espada, talento brilhante e suggestivo: o dote supremo da sympathia, que attrahe as almas, e honra — até para não ser rico!

Monte de Caparica, Torre.  
Maio, 29/94.

BULHÃO PATO.

(1) Pedira a direcção d'esta Revista a Bulhão Pato para escrever um artigo a respeito de Thomaz Ribeiro, que, ninguém como elle, amára e admirára. Do Monte, perto da Costa de Caparica, respondeu-nos o illustre poeta, declinando o encargo, porque o seu estado de saúde lhe não permitia escrever.

Publicamos, por esse motivo, o artigo escripto ha 6 annos pelo auctor da *Pagella*. Apesar de prosa antiga, tem todo o valor de actualidade porque é a justa consagração feita a um grande poeta por outro poeta, dos maiores do seu tempo.



Casa de D. Jayme d'Aguilar, em Parada de Gonta



Casa onde nasceu Thomaz Ribeiro, em Parada de Gonta



*Pompeo Nibbe*

# Historia do batel Vae com Deus

## e da sua companhia

### O MAR



**R**ECOLHENDO a sonda cheia d'algas verdes o arraes exclama: — Trinta braças... Arreia!  
Uns pescadores descem a vela, outros preparam a polé e as redes.  
— E' o mar do peixe. A ver a fartura que o Senhor nos dá.

E' o Mar, o mar alto, infinito, profundo. D'um e d'outro lado do batel arfa e marulha n'um movimento eterno.

O mar é um ser. Tem a sua circulação — as correntes, o *Gulf Stream* e uma vida prodigiosa. Todo elle é vida. No seio das suas aguas criam-se as mais extraordinarias existencias: monstros e seres tão tenues e ephemeros, que um sopro os despedaça. A's vezes rebrilha e parece que se desfaz em bilhões de peixes, reluzindo como a prata, infimos e tantos, tão innumeraveis, que nenhuma força os destroa. Por vezes os bancos de sardinha arrastam e despedaçam, levam, as redes dos pescadores. Nada detem — nem a morte, nem a tempestade — uma d'essas emigrações mysteriosas de certos peixes, que quasi, de infinitos, tornam solido o mar e seguem como o destino, gigante rolo de prata em fusão, amando, vivendo, creando em horas de vida e n'uma marcha incessante.

O Mar é a propria Vida, criação e morte, um labutar prodigioso no fundo das aguas salgadas e amargas. N'uma só gota do oceano ha centenas de existencias — em todo o mar a vida é infinita como Deus.

Nas enormes florestas d'algas, onde o silencio é verde e a luz coada illumina fundos de poesia e sonho, vão-se creando no mysterio seres de prodigio.

Já viram uma praia, quando a maré baixa e toda a penedia negra, escuracada e polida, fica ao sol, mostrando os seus cabelos de sargacho? A areia azulase e nas fendas, nas concavidades da pedra, reluzem poças, onde habitam mil pequenos animaes e plantas — caranguejos ferozes, lapas, algas e peixinhos miudos, que de qualquer toca fazem habitação. Um pouco mais longe a marezia rebenta, um paquete

logo o braço d'um caranguejo, escondido sob uma pedra — elle proprio da cor dos fragueiros — que abrindo a tenaz dentada, agarra, mata, despedaça. Como na terra, ha os mesmos habitos, o mesmo odio, identico amor; n'aquelle palmo d'agua ou no resto do planeta encontra-se sempre o egoismo feroz e um combate sem treguas.

Mais á beira mar, nas poças profundas, já as algas crescem, agitadas pela vaga e douradas pelo sol, como cabelos de tagides. Ondeam levemente, com reflexos metallicos... Todo o mar é cheio d'uma extraordinaria vida. Sob a quilha d'um barco, que corta as aguas fondas e remexidas, sente-se uma refrega de vida, um pulular prodigioso. O mesmo bafo, a respiração do mar, aquelle ar salgado e humido, forte, sabendo a infinito e a alta, o ar que dilata os pulmões, vem carregado de germes de existencias. O resto da terra ao pé do oceano é como uma ossada gigante e secca.

O Sonho habita o fundo do mar. No seu seio inexplorado são possiveis todas as phantasias — desde os monstros mais extraordinarios, até aos que n'um silencio e n'uma escuridão profunda, foram condemnados á cegueira eterna. Esperam, esperam... O quê? Que singular condemnação! Que mãos crearam formas estranhas, para viverem na solidão e na cegueira?...

E que vestidos! que armaduras! Examinem, por exemplo, um caranguejo, voraz, brigão, destemido, habitante das pedras e dos fundos? A sua couraça resiste a ataques formidaveis e as suas armas offensivas, ao mesmo tempo pesadas para descarregar golpes d'acha, cortam como navalhas, apertam como tenazes, tem dentes de serra e pontas como as espadas. Ha uma epocha, em que, crescendo, já lhes não serve a casa. Fojem então: são mais inoffensivos que as plantas; escondem-se n'uma toca até crearem nova casa, até disporem de outra armadura.

E as tintas! Ha peixes inteiramente azues, de vermelhão, como o veludo, violeta, lançando fogo! Ha- os como rubins, como saphiras, esmeraldinos — e existem todos feitos de luz como soes. Onde a luz do dia não chega, os peixes brilham e ardem. Alguns deixam escorrer do corpo um liquido phosphorescente que illumina o mar; outros trazem na cabeça uma especie de lanterna, e ha os que, sendo cegos, tudo illumina em torno!

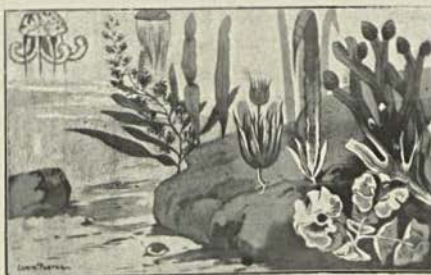
A vida e a feria pulullam. Só o arrenque, se a voracidade brutal e a chacinca incessante o não dezinhassem, encheria todo o oceano á terceira geração! O Atlantico seria quasi solido.

E quantas formas inconcebiveis para nós outros! Qualquer medusa, qualquer alga examinada com cuidado nos deixa attonitos. Ha um crustaceo, por exemplo, que Deus creou com os olhos nas maxillas!



#### Medusas

- 1, *Aurelia aurita* — 2, *Charybdea marsupialis*
- 3, *Chrysaora mediterranea*
- 4, *Rhyostoma pulmo* — 5, *Lucernaria pyramidalis*



#### Algas

E que variedade no que nos parece monotonô! A côr azul do oceano ou verde trespassado de sol, dourado à superficie, va-se carregando até a escuridão completa. E os bosques de fucos, os tapetes de musgos marinhos, as algas, acompanham sempre os tons da luz. Noites surgem em que o oceano é então de fogo. As cristas das ondas debruam-se de oiro, ao cimo d'água rebentam golphões de lume. Porquê? Basta um animal microscopico ou uma alga infinitamente pequena, para incendiar o mar ou tornal o d'escarlata vivo como o sangue.

Oh mas o sonho seria ver os fundos cheios de pesadello e magia, as florestas, que nunca não humana locou em vida e onde as algas agarradas aos rochedos fluctuam, altas de trezentos metros; onde o Oído e o Amor crearam formas de prodigio; onde flores animadas de mil tintas oscilam n'um sonho eterno. Seres exóticos passam allumiando — o peixe lua, redondo, e outros, com todos os brilhos, todas as formas e todos os tons. Olhos surgem entre o verde — o Terror espreguia, o Sonho animado agita-se sem ruido. . .

E' d'este oceano que os pescadores vão arrancar o seu sustento. Sobre a mais maravilhosa feria sulcam pranchões de madeira, com um farrapo por vela e uma miserria taboa de pinho por leme.

— A ver a fortuna que o Senhor nos dá!

HAUL BRANDÃO.



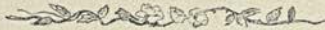
## Versos ineditos <sup>(1)</sup> de Thomaz Ribeiro

Ó reprobô! ó valente! ó revoltado indomito!  
convicto heresiarcha, ousado Prometheu!  
gigante acorentado aos alcantos do Caucaus!  
bravo, em que scismas tu? que estás dizendo ao céo?  
— «Depois de ti, Jesus, decorrem vinte seculos  
e abjura da verdade o eterno Galileu  
agora como sempre! . . . ó bom Jesus, perdôa-me!  
não eu, Senhor! . . . não eu!» —

Feltoria, 23 de outubro de 1890.

THOMAZ RIBEIRO.

(1) Estes versos foram escriptos na occasião em que Thomaz Ribeiro recebeu de seu irmão a ampliação de uma photographia de seu pae.



É sempre agradável dar conselhos e algumas vezes é útil rebellos.

MAURICE BARRÉS.

A realidade raras vezes alheia o limite das nossas esperanças, e nunca attinge o dos nossos receios.

É sobretudo nas ruas que se faz a politica em tempo de revolução.

DUQUE DE BROGLIE.

Estudar e amar o passado não nos impede de sermos homens do nosso tempo.

GEORGES LEYGUES.

## CHRONICA MUSICAL <sup>(1)</sup>

Com a *Iris* cahimos em pleno Japão, antes da civilisação.

Tanto podia ser no Japão como na aldeia de Pao Pires, aparte uns pequenos pormenores. Sómente o auctor do libretto, Illica, e sobretudo o da musica, Mascagni, preferiram o Japão porque lhes ficou o campo livre, a um para pormenores de scenario, vstuario e *mise-en-scène* a prender a attenção do Respeitavel (com R grande), ao outro para disfarçar a pobreza do seu ingenho com umas extravagancias musicaes, que os amigos apregão de originalidades, oriundas do Japão, sufficientemente longe para a critica se dispensar do trabalho da verificação.

O libretto é symbolico; visa elle a defender a these de que a verdadeira innocencia não pode nunca ser maculada pelas podridões ou contactos impuros da lucta sobre a terra, contendo em si mesma energias para ao contacto com as grandes forças da natureza, e a luz do sol, transformar em torno de si a podridão em exuberancias de vida, a lama em flores, a morte na immortalidade, como suprema felicidade. Concepção grandiosa, wagneriana, talhada de molde a enquadrar o triumpho de um génio, ou pelo menos a permitir a evolução de um talento. Para desandar de facto na consagração de um *fiasco*.

E' curioso que os criticos de quasi toda a Italia, e dos mais raros paizes em que a *Iris* tem sido executada, caiam a fundo sobre o libretto para poupar o compositor, que, com semelhança material, não lograria, dizem elles, por mais levantados que fossem os vôos da sua inspiração, aproveita-los para uma bella obra de arte. Quanto a nós, no nosso atrevimento, ousamos discordar em absoluto da opinião dos illustres patriarchas, nossos collegas e mestres na grande critica. O compositor é que não teve talento para esta opera, como o não tem tido para todas as que se succederam á *Cavalleria Rusticana*. O libretto, aparte umas puerilidades que facilmente seriam substituidas, é essencialmente musicavel e, direi mais, grandiosamente musicavel. E' evidente que o caracter de *Iris*, que incarna a Innocencia, é pueril de mais nas suas exhibições; não tem grandiosidade, não sensaciona o symbolo que pretende revestir. Mas, aparte este defeito, que seria remediavel, todo o entrecho contém situações que não se differenciam muito de outras, que um genio fulgente inventou para impôr á Arte a forma perfeita e racional do drama lyrico. O 1.º acto é episodico, offerecendo no hymno ao sol, no sonho de Iris, que se poderia aproveitar para lhe esboçar o caracter simples e puro, na scena da representação e na dôr do pae, largos motivos para a inspiração de um talento authentic; apenas o hymno ao sol foi rasavelmente aproveitado. O 2.º acto, porém, com a scena entre Osaka e Iris, a lucta entre o desejo sensual e a pureza ignorante e immaculada, fornericia a um Wagner assumpto para uma pagina immortal, se a Iris ganhasse em grandeza e o Osaka perdesse em piegueira. No ultimo acto, o Egoismo a bramir ao longe, emquanto a luz do sol ao contacto da Innocencia irrompe numa apothose de paraíso ideal, é, sem a menor duvida, um clarão de genio em Illica e um desabar de insignificancia em Mascagni.

Reles! toda aquella musiquinha. Tão reles, como a horta de magica, que o sr. Paccini fez surgir em torno da sr. de Lerma, a desfallecer n'uma apothose de covões e repolhos, encimados por uma coroação de girasoes animados a cordelinhos.

A sr.ª de Lerma foi a maior victima do desastre do Mascagni. Apaixonou-se por aquella papel, que lhe quadra ao seu feio, estudou-o e reproduziu-o com amor e cuidado. Se a musica que tem de cantar valesse alguma cousa, a sr.ª de Lerma teria ganho uma legitima recompensa dos seus esforços na sanção do publico. Se esta não vem justiceira, e porque, como o Osaka, toda a gente bradava: «che noia, vo. . . *shadiglio*» e era cada bocca de engulir o Mascagni.

Dos restantes artistas que entraram na *Iris* sobresaia o intelligente sr. de Lucca e Perello numa parte insignificante. O sr. Garbin tem tantas vozes, que não nos deixa tempo para chegarmos a gostar de uma.

Em resumo: na *Tosca*, um assumpto anti-musicavel, tratado com talento e tanto exito quanto era possivel obter; na *Iris*, um bello libretto, afogado n'uma insignificancia musical, que resvala para a nullidade.

VASCO.

(1) Veja-se o numero anterior.

# Mouros na costa

(GUIOMAR)

**E**RA ao cair d'uma tarde de setembro do anno de 1542. O sol desceu rapido a mergulhar no oceano, e as purpurinas juvenis do poente reflectiam-se nas vagas ondeantes, dando-lhe um tom acobreado contrastando com os cacliões de alvissima espuma rebentando na orla do areal, que em recurvada praa va desde a barra da Figueira ate a riba do cabo Mondego, que lhe demora ao norte.

Buarcos era então povoação de pouco vulto. Meio cento de palheiros e barraças grupadas em volta d'uma ermida modestissima. A beira mar, em frente do povoado dispostos em grupos pittorescos, as mulheres, as crianças, e alguns velhos alongavam os olhos para o mar aguardando a volta das barcas, que tinham largado para a pesca.

— Eh! Guiomar mirae as Portas como rebentam, a dizer que o sudoeste já vem perto. Mas por Deus, que já lá vejo a barca do meu homem e senhor Martin Salreu, e pela pópa d'ella toda a esquadriha, e hoje não faltará ninguém ao varadouro.

Assim falava para uma esbelta cachopa dos seus vinte annos, a respeitavel matrona Brites da Maia estendendo o braço direito para as barcas, que investiam com o canal, enquanto com a mão esquerda encostada á testa guardava os olhos dos fulgentes reflexos do sol, que lhe esbrazava o rosto, estirando-lhe a sombra pela praia.

— Emboras vos dou, que tereis a cêa alegre. Entram-vos em casa marido e filho. O mar para mim é traçoero. Deixo-me orphã ao quebrar um batel n'aquelles penedos, e por lá me traz o noivo na frota de El-Rei, que anda na costa para nos guardar de francezes e mouriscos.

— Deixae-vos de lagrimas e saudades. Moça sois, e de velhas são lamentos. Se não foreis assomada bem perto o mar vos tornaria venturosa. Vêde o meu filho Lupo como vem guapo a remar á voga, que não ha vintaneiro mais bello nas gales da armada. Muito vos quer, e eu não sei por aqui quem mais vos queira.

— Longe estou de galanteios, volveu a rapariga. Lá me ficam em casa a mãe e os irmãos pequenos, e se os cuidados já me sobram, para que mais?

Entrementes tinham abicado as embarcações da pescaria. Animava-se extraordinariamente a scena da chegada. Era uma algazarra de ensurdecedor. Alavam os barcos para terra, e á ceulema casavam-se os gritos d'alegria de mulheres e crianças ajudando os arraes e as companhas, amarrando espias e proizes. Luziam as canastras repletas de peixes saltitantes, que de bordo atiravam para os braços dos que metidos n'agua ate ao peito se aproximavam dos recurvados batellões. Aliviavam as redes praia acima, desembarcavam os homens alegres da faina proveitosa, e segundo a lei consuetudinaria d'aquelles rades mareantes, se de dia tinham luctado com as ondas, á noite vinham dormir a casa, e tanto lhes bastava para viver felizes.

Mal o marido saltara em terra a tia Brites abraçara-o, e elle com a japona e o barrete ainda orvalhado do escarcen das ondas dizia, como se já estivesse mandando a companhia ás primeiras raias do sudoeste tormentoso: — S. Pero Gonçalves me valha, que me vou a pique. Largae-me esses gananhos do costado, amaine a moeta da ternura, que eu darei fundo a salvamento.

Anoitecera de todo. A praia ficara deserta. O vento mareiro refrescava, as nuvens vinham subindo lugubres e solemes, nuncias de proxima tempestade. As ondas espadanavam em phosphorescentes es-

carceus. Tremulejava a frouxa luz da lampada da ermida coada pelas esguias frestas do portal, e o vento susurrava nenias, como o solfozar de muitos naufragos perdidos na amplidão do mar caliginoso.

Sentada á porta da barraça, abrigada um pouco por uns mastros e madeiros arruinados ao beiral, Guiomar estava ali sosinha olhando o mar, que rebamava perto. Filha de pescador não se lhe dava do tempo. Parecia meditar, e a sua alma apaixonada divagava em ridentes sonhos, na realisação dos quaes resumira toda a sua vida, todas as suas ambições d'amor e de ventura. Però Vaz merecera ganhar-lhe o coração.

Brincaram correndo pela areia, e muita vez a mesma vaga os molhara a ambos. Rezavam juntos na egreja, implorando a protecção divina para os nautas, quando as barcas andavam no mar largo, e o vento saltando a travessa, fazia erguer na praia os gritos e o choro das mulheres a bradar misericordia. O mesmo naufragio os tornara orphãos, e as mesmas magoas transformara a amizade de irmãos n'um amor puro e santo, que breve ante o altar os ligaria.

Tinham crescido juntos, e ao crepusculo d'uma tarde de maio, quando nas laranjeiras em flor, nos salgueiras e chopous do Mondego a brisa suspira, inspirando escolares e menestres, parecera-lhe mais puro o azul celestial do firmamento, mais dolente o espreguizar da vaga, mais suave o rebrilho da praia reluzente. Nessa tarde, quando Però lhe dissera apaixonado: amo te Guiomar, a sua alma acordara, e adivinhara que tambem o amava com um amor capaz de todos os sacrificios.

Agora andava elle em naus de El-Rei D. João III e seu cunhado Carlos V tinham-se ajustado para guardar o mar. A tão excelsas magestades, reis e senhores do commercio das Indias e do Novo Mundo; a elles que careciam de soldados e mareantes para lhes ganhar e guardar as corças; a tão magnanimos senhores bem se lhes dava agora dos amores d'uma pobre rapariga.

Um dia vieram homens d'armas de El-Rei, e Però Vaz foi n'uma leva a caminho de Lisboa. Ia alagado como se fôra um criminoso, entre lanças e escopetas de soldados, e depois soubera que o levaram para bordo dos navios do cruzeiro. Elle um dia voltaria. Crente no seu amor aguardava o desposado.

Embebida n'esses pensamentos, olhando o ceu que ameaçava temporal,

Guiomar não dera por um vulto que se aproximára lentamente. Era um rapaz forte, espadado, vestindo a camisa e o largo calção dos pescadores. Pendia-lhe dos hombros o gabão de marinheiro, e o capuz cahido para as costas descobria-lhe o rosto de feições grosseiras, os olhos negros e brilhantes.

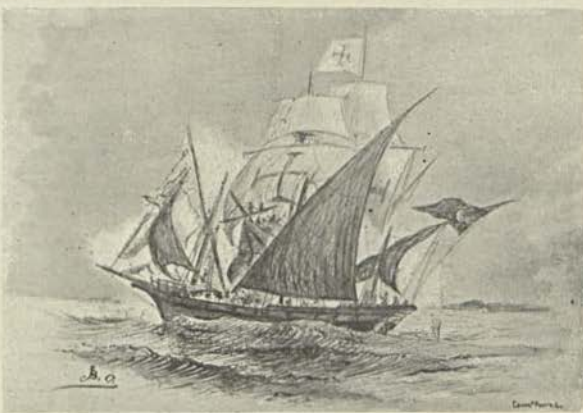
Com voz sonora, mas com um leve tremulo de commoção, dizia para a rapariga, que se erguera em sobresalto e dera um passo para a porta: — Tende-vos Guiomar, não hajais medo de quem so vos quer para senhora. Misero de mim, vosso escravo, sem esperanza de lograr amores.

— Deixai-me Lopo Salreu que d'amores não cuido, e a vossa mãe o disse. De Però Vaz sou a desposada, e pela fé que lhe devo, julgar-me podeis que sou esposa.

— Voto a Satanaz que seréis minha, atalhou o mancebo. Olhae Guiomar que por vos me perco, e haverei vingança.

— Misericordia! bradou a rapariga. Um violento trovão ribombava estrepitoso, e o aguaceiro desencadeou-se furioso recurvando os pinheirais da costa, e sacudindo a cruz da ermida que impavidamente alvejava ao longe illuminada pelos lividos relampagos da trovoadá.

Lopo Salreu desaparecera. Parecia que a terra se abriera e o despenhara no abysmo. Guiomar julgava ter visto o proprio Belzebub. tal era o brilho do olhar com que a fitava, e agora, junto do leito dos irmãos que dormiam socegados, rezava devota um credo em cruz, enquanto d'encontro á porta, trancada rijamente, a tormenta rugia embravecida.



Desenho de João Braz d'Almeida



Correram tempos, e ninguém mais em Buarcos deu novas do filho do Salreu. Diziam que fôra captivo de mouros uma madrugada em que sosinho saíra ao mar n'um esquife, em demanda d'uma fusta que viera perto despejar o bordo, e parecia ser de perros de Moirama.

Pela callada da noite de Natal d'aquelle anno, alguns rapazes de Buarcos recolhiam d'ouvir a missa do gallo, e de festejar o deus meirino nas egrejas da Figueira. Ao chegarem ao alto do outeiro de Santa Catharina e antes de instestarem com a descida da ladeira do logar, pararam surprehendidos porque um clamor de vozes afflictas, o rebate do sino da ermida, o clarão do incendio das barracas os avisava de que na sua ausencia occorrera qualquer desgraça, e que os moradores que se aconechegavam ao calor benefico das fogueiras temendo o nordeste da noite desabrida, tinham sido collidos d'improviso a meio das velhas historias do presepio, por qualquer causa que não podiam por ora adivinhar.

Callou-se o tambor que ruíava acompanhando as lóas dos festeiros, fez-se o silencio solemne das grandes occasies, e d'ouvidos á escuta, olhos dilatados procurando enxergar distante, quedaron-se attentos ao aspero ruido da peleja que sobrelevava ao rebramar das ondas nos fraguedos ao sopé do morro do fortim.

— Mouros na costa! Mouros na costa! gritou de longe um homem que vinha correndo para a villa. Aqui de El-Rei que nos roubam as mulheres e filhas!

— Mouros na costa, repetiu o grupo, e um tremor involuntario sacudio o coração nos mais valentes.

— Saltaram em terra, dizia o homem que chegára, e parára da carreira. São piratas do Rif, ou renegados argelinos que salteem o logar. A luz de El-Rei contra os perros d'Alcorão.

A luz do incendio destacam-se vermelhas no fundo negro do ceu as velas latinas do chaveco, e nos curvos bateis abicados na praia embarcavam á pressa os mouros farta colheita de captivas.

— A elles! a elles! gritava mestre Martim, que outro não era o mensageiro da má nova.

Ao rebate acudia do fortim a soldadesca, e um arcabuseiro ao ouvir a algaravia do arraes dizia-lhe zombando: — Vinde d'ahi velho trístão desnorado, salvar dos harens da Moirama a tia Brites.

— Santiago avante! gritavam os soldados, e animado pelo exemplo do rancho de pescadores acorporou-os na investida. Ruíava o tambor a combate, e no fortim trocavam os tiros de bombarada dando o signal d'alarme ao povoado.

Ao chegar á praia o piquete de socorro já lá largo o chaveco marroquino. Alguns homens mortos jaziam pela praia, e ao clarão do incendio divisava-se a tia Brites praguejando, de punhos cerrados para o mar.

— Maldito sejas tu, Lopo Salreu, que serviste d'espiao aos renegados. Era elle quem os guiava. Vi-o ao rebrilhar d'essas fogueiras, com olhos de mãe que não se illudem. Maldito que renegas a teu Deus e patria, só para servir a odios e vingancas.

Solemne, magestosa, Brites da Maia parecia a Justiça impondo a dura sentença ao filho malfadado. Mestre Martim cahio-lhe nos braços, e os dois velhos esmagados por tamanha vergonha e desventura, escondendo os rostos, soluçavam tristemente. Logo ali se soube que fôra o assalto combinado. Lopo pilotara os bateis por entre as pedras do canal, e o desembarque fizera-se a salvo como em terra conquistada. Se o destroço da lueta não parecia consideravel, era grande o numero de captivas. As mais bellas raparigas de Buarcos tinham sido arrebatadas para bordo. Lamuriavam velhas e cachopas ao pensar na sorte das sultanas.

Alguns homens amordaçados, e amarrados de pés e mãos iam na chusma, estirados no fundo dos esquifes, e breve acorrentados ao banco dos remeiros, a golpes d'azorrague iam maldizendo a sua vida.

Nos braços de Lopo, desmaiada, Guiomar fôra levada para os bateis. Em vão a ouviram clamar soccorro. Pero Vaz andava longe na frota do cruseiro, a sua voz não podia por elle ser ouvida, e perdia-se confundida com o ruido da peleja, e do quebrar do mar no areal.

Captiva de mouros, prometteda paga da traição do renegado, a misera Guiomar soffreria acerbo captivo.

— Allah é grande! Malditos os perros nazarenos!

Assim bradava o arraes granadino ao ver a verga do traquete desarvorada por um pelouro, que a cortara pelo terço. A vela rasgou-se d'alto a baixo, e o barco ajojado com o peso da refrega veio a vento, cahiu á ré, e o mar entrando lhe pelas alhetas quasi o fazia naufragar.

Amanhecia, e ao pallido alvor da madrugada descortinavam-se as cruces de Christo pintadas nas velas d'uma nau batendo as quinas, e em rapido singrar crescia a olhos vistos o vulto do bojudo e potente galeão, navegando em tom de guerra, mostrando o acerado esporão da goria, a soldadesca a postos nos castellos, a maruja aos cabos da manobra, e bornados para o alvo, destruidos das portinholas da alcaçova e de sobre a mareagem alongavam-se as boladas das esperas e falções da bateria.

Outra hala arrombando o painel desmontou um pedreiro colom-

brino, matando alguns negros tripulantes. — Allah é grande! invocavam os arabes brandindo os alfanges, as lanças e agomas, arrostando o abalroar dos portuquezes.

Com effeito, a breve trecho a nau de Christo que chegava. O choque foi tremendo, e mettendo o gurguz e cevadeira pela enxarcia grande do mourisco, deitou-lhe no chapiteu um golpe de gente decidida. Santiago! bradavam os guerreiros, e com furia de leões rebatiam a ferro e fogo os infieis. Fuzilavam os mosquetes e alcaçozas, resovavam os golpes d'espada e de machado batendo em cheio nos landeis e nos escudos, e as pragas ululantes respondiam ao gemer dos moribundos.

D'entre os assaltantes distinguia-se um marinheiro, rapaz robusto, tez morena, que de peito a descoberto e de machado em punho abria larga brecha na mão de piratas que acudia a defender o chapiteu. Defrontavam com elle o arraes e o renegado, que venderiam caro as vidas, tal era a xarria do seu valente pelejar. Lá em baixo por entre as malhas da anetia do porão eochavam os gritos das captivas. — Christo avante! clamavam as desgraçadas animando os combatentes.

O matalote pareceu reconhecer uma voz no meio da grita, e vibrando ás mãos ambas um golpe que fendeu o capacete e o cráneo do arraes, galgou d'um salto á tolda, e arrombou o xadrez da escoltilha. — A mim! Morrei e quebrai estas algeamas. Salva a tua noiva, e Guiomar energia, desgrenhada, sacudindo os ferros ajoelhava aos pés do seu nobre defensor. — Milagre! Milagre! bradavam as mulheres. Bemvido sejas Pero Vaz.

Os mouros iam de vencida. Estirados, feridos e mortos pelo convez, jaziam muitos da companhia do navio. No castello de práa ainda o combate não findara. Cercando o renegado, que para ali se acolhera perseguido, alguns bravos defendiam-se rijamente, fazendo voltar atraz os portuquezes.

Pero Vaz correu a socorrer os companheiros. Com um rugido de fera, ao reconhecer o rival, investira com elle derrubando-o. Ia descer o machado a dar-lhe morte quando um grito de Guiomar o suspendeu — Pero não te damne o sangue d'esse vil. Deixae-o ás justicias de El-Rei a quem pertence o criminoso.

O corsario rendera-se depois de lueta porfiada. Libertos os captivos, acorrentados os prisioneiros, e entre elles Lopo Salreu que esbravejava, transportados para bordo, a nau christã descerou da borda os arpesos terriveis d'abordagem, e velejando para o largo abandonou pela pópa arrendo o desmantelado casco do chaveco, sinistra almenara assignalando ás povoações da costa como se cumpria o real serviço na frota de El-Rei Nosso Senhor.

N'aquelle tempo usava-se mais de obras do que palavras. Combater e destruir mouros e gentios, e toda a raça proterva d'infieis, era uma empresa meritoria.

O capitão da nau fôra educado como soldado no rude lidar das praças mauritanas. De cruzeiro em frente da Figueira avistou o incendio e adivinhou a vinda dos mouriscos. Puxou para o norte a ganhar-lhes barlavento, metteu a nau á corda todo o quarto da modorra, e ao alvorecer deu caça ao corsario que fugia capturando-o sem demora. Fôra necessario o concurso de tantas circumstancias improvisadas para chegar a tempo, e salvar a honra das cachopas.

— Alegrae-vos, raparigas, dizia o capitão acariciando a barba que lhe alvejava sobre o arnez. Em boa hora haveis embarcado, e por adogado tendes algum santo mata-mouros. Esta nau é da armada do mar largo, e a mais afortunada d'ellas todas. Acostumada a vencer francezes nunca temeu escapadias de Mafoma. Hoje mesmo ireis pouzar em terra, alegrar vossos amores, que devem ter soffrido ireis cuidados. Antes vereis como se faz exemplar justiça. E' lei de Deus, e ordenança de Sua Alteza premiar os bons, e castigar os máos.

Officiaes, soldades e marenantes, enchiam a tolda do galeão, jubilosos por mais um combate, ainda que de pouco vulto, para quem fazia a guerra por officio.

— Pero Vaz aproximae-vos. Por valente vos tenho, e El-Rei por vos é bem servido. Tome a mão d'essa rapariga, de Guiomar que me dizem vosso desposada, e só ella vos saberá dar o premio da victoria. Padre Fr. Gerundio, prosequiu voltando-se para o capellão da nau, um frade velho e rubicundo; case-me estes namorados que não ham mister de bulla nem dispensa.

— *Et ego vos conjugo in auctoritate qua fungor*, resumngoo o frade maliciosamente. Homens do mar que entendeis de tudo, zombae do meu latin, que sempre vale mais do que os vossos casamentos á moda de Alfonso de Albuquerque.

— E agora, ordenou o capitão, o meirinho empunhe a vara, e no lais de vera, que só dá d'estes frutos do inferno, enforce o elche e a ralé d'essa mourisma.

— Justiça que manda fazer El-Rei Nosso Senhor.

O corpo de Lopo Salreu balancando no penol da verga da mesena pagava a largo rol de suas culpas.

Lisbôa.

JOÃO BRAZ D'OLIVEIRA.

# A morte da Rainha Victoria



*A Rainha Victoria no seu leito mortuario*



*Tumulo do principe consorte*  
Onde foi enterrada a Rainha Victoria

## NOS FUNERAES DA RAINHA VICTORIA



*Lord Roberts — Rei de Portugal*  
*Principe Cristiano — Duque de Cambridge*

*Duque de Connaught*  
*Imperador da Alemanha — Rainha Alexandra — Rei Eduardo*

# A morte da Rainha Victoria



*A Rainha Victoria  
ouvindo ler um decreto*



*A Rainha Victoria e o seu secretario in illo*



*O rei Eduardo, aos 18 annos*



*O arauto pedindo permissão para entrar em Londres, a fim de ler a proclamação do novo rei de Inglaterra, Eduardo VII*

# As relações internacionais

28 de fevereiro de 1901

Depois de ter passado rapidamente em revista a situação da Espanha, da França, da Itália e da Inglaterra ao findar o século XIX, resta-nos tratar da Alemanha, da Austria e da Rússia; e, para terminar com a parte introductoria das nossas chronicas, os estados secundarios — a Hollanda, a Belgica, a Suissa, a Dinamarca, a Suecia, a Noruega, a Grecia, a Romania, a Bulgaria, a Servia e a Turquia.

Só quando esta breve resembra estiver concluida a respeito da Europa, poderemos occupar-nos da situação dos países extra-europeos, como os Estados Unidos e o Japão, — os dois importantes factores da novissima politica internacional.

O século XIX foi para a vida historica da Alemanha um periodo decisivo. A propria existencia da nação forte e unida, que ha trinta annos usa e abusa da sua incontestavel hegemonia no nosso continente, é creação da segunda metade do século findo. Na primeira metade, não só a Alemanha politica não existia, mas até a Prussia, donde a futura potencia germanica havia de sair, se encontrava na humilde posição de quasi vassalla da França napoleonica. Iena marca o limite extremo d'este abatimento. A partir, porém, do grande desastre nacional os progressos do estado prussiano não se detiveram um momento, até que lograzam reconstituir, em proveito da casa de Brandeburgo, o imperio que durante tantos seculos os Hapsburgos tinham considerado como um feudo da sua coroa.

Com a unificação de todos os estados germânicos em 1871 principiou o periodo definitivo da grandeza da Alemanha. A' sombra das estrondosas victorias reconquistadas, e graças á indubitavel superioridade, consequencia immediata das victorias, o novo imperio allemão conquistou em poucos annos uma posição preminente, não só como potencia militar de primeira ordem, senão tambem como nação industrial e commercial de respeitavel importancia.

Foi então que, em parte por vaidade de engrandecimento, em parte pelas necessidades cada vez mais exigentes do seu commercio da sua industria, a Alemanha se lançou no caminho das aventuras colonias. Deve ser dito em abono da perspicacia de Bismarck, que só de má vontade e contrariado elle consentiu em inaeuar o periodo das acquisições territoriaes fóra da Europa. E na verdade os dois grandes erros politicos do actual imperio allemão — a annexação da Alsacia-Lorena, e a acquisição de colonias — começam já hoje a produzir os amargos fructos, que estão envenenando a vida economica da nação, e que lhe promettem para futuro talvez não distantes dias bem perturbados.

A annexação das duas provincias francezas tornou indispensavel para evitar a desforça acalentada pelos patriotas de Paris, o estabelecimento do regimen da paz armada, que ha trinta annos arruina a Europa e o aumento sempre crescente do predomínio do militarismo, consequencia immediata do tractado de Francfort. E' porisso que, apesar de todas as reclamações dos deputados agrarios no Reichstag e sobretudo no Landtag prussiano, assembleia á qual mais particularmente interessa a questao, a agricultura se debate n'uma crise cada vez mais aguda, dando-se actualmente o facto gravissimo, para a independencia economica do povo allemão, de crescerem todos os dias as importações agricolas do estrangeiro, em detrimento da produção interna successivamente mais escassa e menos remuneradora.

E todas estas perturbacões economicas ainda se complicam com as perturbacões de ordem parlamentar produzidas pelo surgimento incessante no Reichstag dos representantes da «democracia social», partido que ainda ha bem poucos annos quasi nenhum importancia pratica tinha, mas que hoje é já elemento com que tem de se contar na politica do imperio.

Ora a organização partidaria da democracia social é uma das consequências do regimen militarista imposto ao povo allemão pelas victorias de 1870-71, e muito especialmente pela annexação da Alsacia-Lorena, principal causa da ruinosa paz armada em que desde então vive a maioria das nações da Europa.

Por outro lado a acquisição de colonias teve para a Alemanha resultados não menos funestos. Sem contar com a influencia directa que a sustentação de possessões longinquaes, e as mais d'ellas improductivas, faz pesar sobre o orçamento da metropole, e posse das colonias deve a Alemanha a politica internacional tortuosa e sem grandeza, que está hoje seguindo, politica que se encontra eloquentemente definida no triste discurso de um tio estante egipcio, com que o novo chanceller von Bilow estreitou no Reichstag o exercicio das suas altas funções.

E comprehende-se bem que, não tendo uma esquadra sufficiente para proteger com efficacia o dominio colonial que a sua ambição tem espalhado pelos dous hemispheros, Guilherme II se veja obrigado, porventura não grato se não a cortejar a Inglaterra cuja amizade lhe é indispensavel, enquanto esta potencia dispôs com na actualidade da hegemonia dos mares. De modo que a politica megalomanica de Alemanha teve como resultado final o enfraquecimento da independencia do Imperio nas questões internacionais, o correccionamento cada vez maior da sua liberdade de acção no campo diplomatico. E n'esta falsa posição, que lhe creou a expansão colonial, está o segredo da não intervenção da Alemanha na guerra sul-africana, não obstante todos as sympathias pelos boers; da accordo africano realizado pelas duas potencias; do misto auxilio por ellas respectivamente prestado no indochina chinês; da attenciosa sollicitude do imperador Guilherme junto do leito de morte

de sua avó; e finalmente dos boatos mais ou menos fundados de aliança entre as duas poderosas nações.

Qual d'ellas tem mais a ganhar com esta novissima phase nas relações politicas de ambas, ainda não ha muito tempo tão tensas, até quasi á situação de allemãs será profundamente. Mas ainda sob este ponto de vista, é a Inglaterra quem a nosso ver ganha melhores vantagens. Por um lado, ajudando a Alemanha a estabelecer-se solidamente na China, adquire ali um aliado seguro e valioso contra a Russia, cuja politica de incessante expansão tanto a assusta. E por outro, quanto mais a Alemanha alargar o dominio colonial mais depende da Inglaterra para a conservação d'elle, e ainda n'este caso o favorecer o Imperio no extremo Oriente é tornar mais necessario para elle o accordo com o Reino Unido.

Não é difficil de prever que a situação da Alemanha para com a Grã-Bretanha assim se conservará, até que Guilherme II se veja com recursos proprios para sem auxilio aliado defender as suas colonias contra todos, não excluindo o actual aliado.

Foi, pensando n'esta eventualidade, que elle ainda não ha muito travou com o Reichstag a tão acirrada lucta para o augmento da marinha de guerra, o qual afinal foi votado pelo parlamento. Mas será este augmento, apesar de todos os sacrificios que representa para o contribuinte allemão, sufficiente para dar ao imperio a independencia nos mares, indispensavel se elle quiser prescindir da amizade inglesa? Não o cremos. Nem sob o ponto de vista das machinas de guerra, nem sob o ponto de vista dos marinheiros — aspecto importantissimo da questão — poderá por muito tempo ainda a Alemanha competir com a Inglaterra, a qual tem como principio maximo as suas esquadras em tal pé, que sejam sempre superiores ás esquadras reunidas de quaisquer duas potencias rivaes. Além d'isso, por mais creditos que o Reichstag vote para novas construcções navaes, é indubitavel axioma que uma marinha de guerra representa, para um dia para o outro, pois são factos indispensaveis para a sua formação diversos elementos independentes de quem governa: como a tradição nacional de um importante desenvolvimento maritimo no passado, larga extensão de costas onde se recrutem os equipamentos, etc.

Ora ninguém dirá que a respeito d'estes dois requisitos, por exemplo, a Alemanha seja muito favorecida, e sobretudo que se possa comparar com a Inglaterra.

Assim pois, a politica colonial teve como resultado para a Alemanha o fazer-lhe perder a liberdade de acção internacional. Pouco mais ou menos o que custou á França a acquisição do vasto imperio ultramarino, que hoje possui. Deve-lhe entre outras humilhações Fashoda e o irreductivel antagonismo com a Italia no Mediterraneo, por causa do protectorado de Tunis.

Mas a situação interna da Alemanha, ao findar o século XIX, é ainda mais incerta do que a sua situação internacional. Ao menos a esta ultima respeito a vontade firme do imperador. No interior, porém, os elementos perturbadores do actual estado de coisas cada vez se amontam mais. Já falamos nos progressos inquietadores da democracia social, que ameaça seriamente a estabilidade das instituições imperiaes. Reforimo nos tambem á acção dissolvente exercida pelo exaggerado militarismo e pelos pezaes encargos da paz armada, a que a Alemanha se condemnou pela annexação da Alsacia-Lorena. A estas causas de perturbação interior ha ainda a acrescentar duas outras. A primeira é o antagonismo economico, principalmente na Prussia, entre a agricultura, representada pelos grandes senhores e proprietarios das provincias orientaes, e a industria e o commercio, representados pelas novas forças sociais, a que a fundação do imperio deu tão inesperado impulso. São interesses oppostos, irreconciliaveis, impossiveis de congruar, e cuja rivalidade reciproca é tanto mais embaraçosa para o governo, quanto é certo que a guerra d'elles dispõe quer no Reichstag quer no Landtag prussiano de valiosos elementos de lucta.

A segunda causa de perturbação são os ruidosos escandalos, que ultimamente tem vindo a publico, e que habilmente aproveitados pelos socialistas para trazerem para o interior uma corrente opposicionista dentro do imperio. D'estes escandalos, principaes dos quais são Sternberg, no qual, além de um banqueiro millionario, estão envolvidos diversos altos funcionarios da policia — e a fallencia do Banco Spiehlhagen, na qual apparece envolvido tambem o barão de Mirbach, grande dignitário da corte da propria imperatriz, causaram a mais profunda impressão pelas monstruosas revelações que trouxeram a lume. São um verdadeiro pendant dos celebres escandalos do Banco Romano e do Panamá; e deixam-nos ver, ao findar o século XIX, a nova capital germanica emparceirada com Paris e com Roma na torpe exhibição dos vicios mais repugnantes e das burlas mais descaradas.

Assim, e não obstante todas as manifestações da sua grandeza e da sua força, os horizontes politicos da Alemanha apresentam-se na aurora do século XX carregados de sombras nubladas, d'onde amanhã pôde irromper, apesar de todos os para-raios do autocracismo imperial, temerosa tempestade.

CONSILHIER PEDROSO.

# Natal

Vinde a mim! Foi isto o que Jesus  
Um dia disse ás mansas creancinhas;  
E deu-lhes o bom céo, cheio de luz,  
O calmo céo das velhas crenças minhas...  
Pois isso mesmo, filhas, eu repito  
Nesta amorosa noite do Natal...

Ha festa no infinito!  
Ouço d'aqui a marcha triumphal  
Das preces em revoada:  
Em cada labio canta uma ballada,  
E em cada berço d'ouro,  
Embora muita gente não o creia,  
Anda a poisar um lindo anjinho louro,  
Vindo talvez das bandas da Judeia!  
Como Jesus, filhinhos, eu tambem  
Quizera dar-vos um presente raro:  
Mas por desgraça, tudo, tudo é caro,  
Para um pobre, como eu, que nada tem!  
A vida é feita assim...  
No suarento pão de cada dia,  
Moureja o sonhador em mágoa immerso,  
Como acontece a mim;  
Mas tambem sem a dôr, não haveria  
Esta musica sacra do meu Verso.  
Jóias, meus filhos, quem me dera tê-las!  
Sómente a fada azul d'uma chimera,  
N'esta noite, ó Selika, é quem poderá  
Dar-te um collar... mas um collar d'estrellas!  
Para a Zuleika, assim tão pequenina,  
Falando francamente,  
Nem mesmo sei que mimo serviria...  
Talvez que uma aza branca,  
Franjada de neblina,  
D'essas que em sonhos a minh'alma arranca,  
Impiedosamente,  
A's garças ideias da phantasia!  
Resta-me o Paulo: — e para o pobresinho  
Apenas tenho o meu castello antigo,  
Onde o noivado santo, que bemdigido,  
Deu-me tres filhos para o mesmo ninho!  
N'esse voo sereno, azul em fóra,  
Bate tranquillo o coração de um Pae...  
Ide dormir, agora!  
Ide dormir, sonhae!

Noite do Natal  
Pelotas, 21 de Dezembro 1906.

MARIO DE ARTAGÃO.



## OTHELLO E DESDEMONA

Quadro de Muñoz Degraín, offerecido á Academia das Bellas Artes pelo sr. Marquez de Franco

E muito justamente teceram tagados elogios ao generoso banqueiro portuguez que dotara o primeiro estabelecimento de ensino artistico do seu paiz em tão valiosa obra de arte, mostrando assim comprehender que não é encherando em galerias, que raros podem frequentar, as grandes obras de arte, que se demonstra a admiración pelos trabalhos de homens de talento, mas sim facilitando ao publico o poder tambem vel-as e apreciar-as.

Acerea d'este quadro escreveu o sr. Rangel de Lima um notabilissimo artigo de que destacamos os seguintes periodos:

«A figura de Othello, com a sua musculação de aço exaggerada, é de uma força verdadeiramente dramatica. Rasgando as carnes do peito com as unhas, fita os olhos chammejantes de ciúme na que vae ser sua victima e está dormindo tranquilamente sem que em sonhos, sequer, lhe atravesse o espirito um pensamento ruim.

A figura do mouro destaca-se do quadro e indica perfeitamente o momento tragico que o artista pretendeu reproduzir.

A tinta é effectivamente brilhante como a dos pintores da escola hespanhola. E' o sol claro e ardente da peninsula que, dando vida á cor dos objectos, inspira aquelles artistas tornando-os tanto ou mais coloristas do que os italianos.

Os accessorios são admiravelmente executados, principalmente um contador marchetado que se vê no primeiro plano do quadro, á direita do espectador. Pode-se até dizer, que o grande acabamento d'este e de outros objectos que ornamentam a composição, desdiz um tanto da execução de parte do assumpto principal.

A figura de Desdemona não está, a meu vêr, pintada com a segurança e esmero que a sua importancia, tanto po assumpto como na composição, exigia. As roupas da cama são molles e não parecem feitas pela mesma mão que tão firmemente e com tanta sciencia da arte, concluiu outras partes do quadro. Isto, porém, não offusca por forma alguma o superior merecimento da obra do sr. Muñoz Degraín, uma das mais valiosas, se não a mais valiosa, que figuram entre os quadros modernos da nossa Academia.»

## Othello e Desdemona

O quadro que hoje reproduzimos, e que é considerado uma das obras primas da pintura hespanhola, faz parte do Museu da Academia das Bellas Artes, que o recebeu como gentilissima dadiua do sr. Marquez de Franco e de Almodovar, titular distinctissimo, bem conhecido e estimado em Portugal e no Brasil, onde tem sido altamente aquilatados os primores do seu caracter bizarro.

Quando o sr. Marquez de Franco fez a compra do soberbo quadro de Muñoz Degraín para o offerecer á Academia das Bellas Artes de Lisboa, a imprensa hespanhola disse que os capitalistas seus compatriotas não costumavam ter essas generosidades e que em Hespanha os individuos mais abastados quando compravam as obras de arte era para ou egoisticamente as encerrarem nos seus museus e galerias ou para as revenderem por mais alto preço.

Não ha no mundo alegria sem sobresalto; não ha concordia sem dissensão; não ha descanço sem trabalho; não ha riqueza sem miseria; não ha dignidade sem perigo; finalmente não ha gosto sem desgosto.

FR. HEITOR PINTO.

A paciencia é uma arvore cuja raiz é amarga, e cujos fructos são muito doces.

(MAXIMAS ORIENTAES).

A hypocrisia é uma homenagem que o vicio rende á virtude.

LA ROCHEFOUCAULD.

## MIGUEL ANGELO

**M**iguel de Miguel Angelo, a sua carreira musical, os triumphos e as glorias dos seus dias felizes, decorreram entre duas noites bem tristes: a do seu inicio no mundo, aos sete annos, sahindo de casa á procura do pão para comer elle e a mãe, e a da sua entrada no hospital, do onde sahio cadaver. Essas duas noites, lugubres como o seu coração differenciam-se bem no entanto entre si. Uma foi rapida: em breve o sol lhe illuminou a mocidade e o talento; a outra foi longa, e durou tanto, que durou para sempre.

Essa historia dos seus sete annos já a descreveu brilhantemente uma vez Guilherme Braga, um grande poeta, mas mereceu e deve ser sumida.

O pae de Miguel Angelo tinha emigrado, por causa das dissensões civis. Ficaram em Lisboa a mulher e os fillos, e ficaram na miseria. Um dia surgiu em que nada tinha para dar de comer ás creancinhas. O pequenito Miguel soube isso e sahio de casa, muito cedo. Para que? Nem elle sabia. Morava á Lapa e encaminhou-se para a igreja. Ficou no pateo. Pouco depois entrava um padre e elle seguiu-o; o padre entrou na igreja, orou, e perguntou se algum sabia ajudar á missa. Miguel lembrou-se de que seu pae lh'o havia ensinado e offereceu-se. Depois da missa, o padre deu-lhe uma esmola.

Estava salvo, e correu a levar a á mãe para o almogo.

Ha historia mais simples? mais tocante?

Depois entrou como menino de coro no lyceu da Lapa e abi recebeu a sua primeira educação. O pae voltou a Lisboa, mas emigrou novamente e levou-o consigo para o Brasil. Abi se iniciou na musica o com tão grande resultado, que em breve era admirado nos salões do Rio de Janeiro. Foi o Brasil o seu berço musical, e as orações succediam-se, e a fama do seu nome, e da sua precocidade, espalhava-se. Voltou á patria já artista, com nome feito, e o seu talento que era mais de compositor que de executor, proporcionou-lhe então novos triumphos. Deixou sobretudo uma obra notavel, o *Eurico*, que foi cantada no Porto e nos theatros brasileiros. A grande obra de Alexandre Herculano encontrou na inspiração de Miguel Angelo um collaborador brilhantissimo.



## O REI MILAN

**M**ORREU em Vienna d'Austria, no dia 11 de fevereiro, o ex-rei da Servia, Milan.

Nascera em Jassy em 1831, e sob a protecção de seu tio Miguel Obrenawich, foi educado em Paris por um preceptor francez, Francisco Huet. Estava fazendo o curso do Lyceu de Luiz-o-Grande, quando o assassinato de seu tio deixou vago o governo do principado: foi elle chamado ao poder na qualidade de principe reinante, sendo proclamado rei em 1882.

Não o fadara Deus para taes cavallarias, e a Servia no seu reinado não encontrou a tranquillidade que era de esperar depois de liberta do jugo da Turquia.

Durante os 21 annos do seu reinado, Milan seguiu uma politica de intrigas e incoherencias, oscillando sempre entre a protecção da Russia e da Austria, preferindo por fim, por interesses pessoais a protecção d'esta.

As guerras contra a Turquia e contra a Bulgaria, serviram apenas para demonstrar a sua incapacidade militar.

Por fim em 1878, a sua impopularidade chegou a tal ponto que elle decidiu abdicar em seu filho Alexandre, que tinha então doze annos, mas passado tempo, apesar do juramento solemne de renunciar ao poder, tentou impôr a sua primeira influencia, fazendo-se nomear commandante em chefe do exercito servio. Finalmente a ruplura causada pelo casamento de seu filho, afastou-o completamente da Servia.

Depois d'isso, a sua vida em Paris e em outras cidades da Europa chegou a causar grandes escandalos, como o de n'um club o accusarem de fazer trapaça ao jogo.

Foi casado com a rainha Nathalia, uma formosissima senhora, de quem se divorciara pouco antes do casamento de seu filho.



## D. RAMON DE CAMPOAMOR

**M**ORREU Campoamor, talvez o poeta mais conhecido e mais querido de toda a Hespanha.

Os seus versos eram lidos e recitados em todas as casas, em todos os theatros, em toda a parte onde houvesse quem soubesse ler, quem soubesse recitar.

Campoamor não era apenas um poeta brillantissimo, era tambem um jornalista de pulso e um politico distincto. Como polemista tornou-se notavel sobretudo n'uma controversia que teve com Emilio Castelar e em que o vigor da energia do ataque é muitas vezes acompanhado de finissimas ironias e primores de humorismo, polemica que Campoamor publicou em volume.

Dos seus poemas ha varios volumes com muitas edições. Citamos os *Ayres del Alma*, *Peguenos poemas* e as *Humoradas*, que de todas as suas poesias são as mais conhecidas.

Obras philosophicas publicou *Philosophia da lei*, *Personalismo* e *Apontamentos para uma philosophia*.

No principio da sua carreira foi secretario dos governos de Alicante e Valencia e mais tarde entrou para o Ministerio do Interior onde exerceu as funções de director geral da beneficencia. A sua morte foi considerada como uma perda nacional e os seus funeraes foram á expensas do governo.



## FREDERICO ALVES PEREIRA PINTO

**F**ALLECEU em Pernambuco um dos homens mais queridos, mais considerados e mais prestimosos da colonia portugueza no Brasil.

Frederico Alves Pereira Pinto era d'uma bondade, d'uma dedicação, d'uma tal lealdade para com todos os que com elle lidavam, que a sua morte representa não só um crudelissimo golpe para a sua familia e para os seus amigos, mas ainda uma perda irreparavel para a colonia portugueza em Pernambuco.

Ninguem como elle sabia interessar-se por tudo quanto dizia respeito a Portugal, sua terra que elle tanto amou; e em ninguem como n'elle encontrou a colonia portugueza de Pernambuco, e sobretudo o Gabinete Portugez de Leitura, um auxilium tão dedicado e tão entusiasta.

Frederico Pinto morreu sem deixar um inimigo, disse um dos seus compatriotas n'um artigo do *Jornal do Recife*. Se podia haver quem o não adorasse, não havia seguramente uma só pessoa que deixasse de o respeitar e de prestar homenagem á sua lisura, á sua dedicação pela patria que tanto amava, e ás joias sem preço do seu intemerato e formosissimo caracter.

O *Brasil-Portugal* publicando o retrato de Frederico Pinto presta homenagem á memoria d'um homem de bem e associa-se ás manifestações de pesar da população da formosa cidade do Recife.



## VELHINHA

A Macedo Fapança, o deliradíssimo e correcto parnasiano, um admiravel artista do verso.

Doce velhinha de olhar sem brilho,  
doce velhinha, que velha estás!  
Talvez procures o amado filho  
n'esse caminho por onde vás!

Faz tanto tempo que elle deixára  
a pobre terra do teu amor.  
Foi uma tarde serena e clara,  
flores nos prados, o céu em flor.

E tu choravas, pobre velhinha,  
vendo-o deixar-te na solidão,  
vendo-o deixar-te p'rahi, sózinha...  
indo... E os pobres onde é que vão?

Foi-se. Da praia tu lhe mostravas  
ten lenço branco... n'ultimo adeus.  
Por sobre a crista das ondas bravas  
litanisavam soluços teus.

Todas as noites no santuario,  
por elle rezas com tanto ardor,  
e beijas, erente, teu relicario,  
toda embebida na tua dor.

Triste ficaste. E triste teu filho  
a longes terras chegará um dia...  
E desde então seguira seu trilho  
por sobre escarpas de penedia...

Lutou, que a vida não é mais nada,  
senão arena de gladiadores:  
após a noite de amor gozada,  
vem um cortejo de negras dores.

E tu, velhinha, vaez pela estrada,  
vaez procurando teu filho... és mãe...  
Como és sublime, velha adorada,  
de cujos olhos doçuras saem!

Teus pés não sentem urzes e espinhos,  
nem o cansaço te prostra então.  
E que as mãos vão atrás dos filhinhos  
seguinto o trilho do coração...

É que essas nobres mulheres santas,  
para extinguirem de um filho a dor,  
arrostam tantas torturas, tantas,  
sem um gemido — que immenso amor!

Diante sempre da mãe sublime,  
pela de um filho dando a existencia,  
curva-se mesmo o nefasto Crime,  
o Homem, o Mundo, a Providencia.

E o teu, velhinha de olhar magoado,  
não o conhece, láo outro está!  
É já um proscripto e um torturado,  
— e quem n'esta vida o não será?

Se o vires hoje, profunda lança  
terás cravada no coração!  
É como se fosse uma eriança  
que, para seguir, pede um bordão.

A dor amarga não mais o deixa,  
foi para isto que elle nasceu.  
Se toea n'um lyrio, ouve uma queixa,  
tudo o que tinha, tudo perdeu.

Tudo lhe cava profundas rugas...  
vae devorando-o hora por hora...  
— Pobre velha, porque não enxugas  
essa tua alma que tanto chora?

Leva teu filho, leva-o contigo,  
não mais o deixes na escuridão.  
Dá-lhe o calor do teu seio amigo,  
talvez suprema consolação.

Leva-o, suave e doce velhinha,  
podem teus beijos furtal-o á dor.  
Quanta doçura tu'alma aninha!  
Es mãe — e quanto infinito amor!

Teus pés não sentem urzes e espinhos,  
nem cansaço te prostra então.  
E que as mãos vão atrás dos filhinhos  
seguinto o trilho do coração.

## O Carnaval na Escola Medica

**F**ESTA cheia de alegria, festa de gargalhada e de espirito, a que os estudantes da Escola Medica costumam realizar todos os annos no edificio da escola e em que são postos pelas ruas da amargura e da troca as entidades que durante o anno mais dignas de apothecae patasca se tornaram.

A festa d'este anno não teve o brilho das anteriores, não porque os rapazes que a organizaram tivessem menos espirito que os seus collegas dos outros annos, mas porque o temporal que fez adiar a festa veio tornar certo o rifão: festa addiada é festa prejudicada.

A principal victima das troças foi um escultor muito conhecido, auctor do monumento a um illustre professor fallecido, nome que foi mandado arrazar pela commissão que, aliás, o approvava.



A musica



O photographo

As nossas gravuras representam varios aspectos da festa.

O que era aquella musica, santo Deus! Só ouvindo-a se poderia avaliar a perfeição no genero *charierri*. O photographo em que o respeitavel publico ouvia por um dos extremos do tubo o que um estudante berrava pelo outro; a exposiçao das hortaliças, o monumento a Gadio, etc., etc., fizeram rir o publico a bandieiras despeçadas. O orpheon que entoados varios hymnos e musicas excepçoes teve um successo pasmoso de... desalinição.

Foi pena que o temporal tivesse feito adiar a festa de quinta feira para sobbado, porque graça requeentada...



El-rei D. João Fernandes e a Rainha Claudia



O Orpheon



# THEATROS



## D. Maria

Acertadamente tem andado a sociedade artistica do theatro do Rocio em procurar, acima de tudo, fazer arte.

Pode, é certo, a escolha das peças provar-lhe algumas vezes que nem sempre o camaroteiro é da mesma opinião, e que é vulgar arte e dinheiro andarem divorciados, mas nem por isso mesmo tem menos valor a sua iniciativa, menos honestidade o seu programma, e os seus esforços menos razões de applauso.

O *Caminheiro* de Richepin, o admiravel poeta das *Blasphemias*, prova este intuito louvavel, este esforço, que no nosso meio não é desaceretado considerar até audacioso.

Um drama que é mais um poema, todo feito de symbols, repassado da eterna poesia do amor e da tristeza, esse drama que mais captiva e attrae pela belleza plastica do verso e pela essencia artistica do sentimento do que por aquilo que vulgarmente se chama o enredo da peça, o *Caminheiro* deve ser religiosamente escutado por todos os delicados, por todos os *gourmets* do sentimento poetico, que n'esses cinco actos, que n'essa sympathica e dolorosa figura de nomada, que Ferreira da Silva com tanta naturalidade e com tanta intelligencia incarnou, encontram á farta onde repousar, onde deliciar o espirito exigente, canção de tanta fancaria, de tanta lantejola, de tanto pechisque litterario.

No exito artistico do *Caminheiro* tem larga parte o sr. Julio Dantas, que poz toda a sua organisação de poeta ao serviço da obra de Richepin, vertendo o original francez para harmoniosos e cantantes versos, em linguagem bem portugueza e bem escolhida.

Houve no desempenho do *Caminheiro* trabalhos que merecem muito louvor. O de Virginia não pode ser mais suggestivo nem mais bello. A amante do ganhão teve um subtil e delicado relevo n'essa interpretação superior.

Toda a sua arte e todo o seu *savoir faire* poz Augusto de Mello na reprodução do paralytico, e ha um outro papel que honrou o *ensemble*: foi o de Joaquim Costa.

Em resumo, posto com muita propriedade e esmero, bem traduzido, bem representado, pode o poema dramatico de Richepin não enriquecer a empresa, que nem por isso deixa de honrar o theatro.

## Trindade

O *homem das mangas* desopila o figado, nos macambusios faz esboçar a gargalhada, e peça do genero que produza este resultado maravilhoso é peça boa e segura!

É allemã, o que mais admira ainda, porque, para escriptores allemães nos fazerem, já não diremos rir, mas sorrir, é forçoso que tenham espirito ás carradas. Vejamos O *homem das mangas* e respondam-nos depois se os srs. Oscar Blumenthal e Gustavo Kadelburg são ou não são dois homens de espirito como os que maior exito tem obtido em theatros peninsulares.

Não occultamos que lá no fundo os comedigraphos allemães devem estar um tanto gratos e reconhecidos para com os *arregaladores* da sua peça, os srs. Freitas Branco e Mello Barreto. Este nos versos e aquelle na prosa transformaram em opera comica O *homem das mangas*, e com tanta graça e sciencia de *metier* é fizeram que no *arreglo* a peça realçou de valor, e as gargalhadas que despertou e as palmas com que foi acolhida largamente provaram que foi fecunda e

proficua a collaboração portugueza, isto é, o enxerto do espirito portuguez no allemão.

Querem saber agora quaes os artistas que imprimiram o seu cunho caracteristico ao *Homem das mangas* e partilharam com auctores e traductores dos applausos do publico?

Dizer-lhes os nomes é fazer-lhes o elogio. E por isso aqui os inscrevemos; José Ricardo, Lucinda do Carmo, Rosa Paes, Augusto, Dellina, Victor e... *J'en passe et des meilleurs*.

## Gympasio

Marcellino Franco, um dos nossos actores de mais accentuada veia comica, escolheu para a sua festa O *Principe*, isto é, quatro actos de uma comedia desopilante e despretençiosa em que o provinciano é em toda ella explorado com bom humor e por vezes com graça.

Teve uma vida ephemera, porque lhe faltam os elementos que n'aquelle theatro dão longa vida ás peças.

A acção nem sempre é nitida, nem o interesse crescente, mas nem por isso deixa de ter scenas de um bello effeito comico.

Marcellino Franco, Barbara, Josepha d'Oliveira, Cardoso e Telmo mostraram que pequenos papeis confiados a artistas de valor ganham e realçam com essa collaboração.

## O homem duplicado

É dos phenomenos mais curiosos esse que se mostra na rua do Carmo, com os diâmetros espectaculosos de "O Prodigioso e Admiravel Phenomeno Vivente, o homem duplicado A mais Assombrosa Maravilha até hoje Conhecida, apresentada por um Admiravel Anão Indio. Vae com todas as letras maiusculas como apparece nos cartazes.

É de deveras curioso ver esse indio com um outro ente de cabeça mettida na barriga, á laia do capoeira que na mairada se vira entalado n'um ventre de ratoeira.

O homem duplicado é natural de Madrastra (India), e de ha muito que anda por esse mundo de Christo mostrando aos mortaes, sem duplicação, esse corpo bastante perfeito e desenvolvidio, cuja cabeça lhe parece estar observando os trabalhos da digestão.

Não é menos curioso o anão que apresenta ao respeitavel publico o seu companheiro. Tem 35 pollegadas de altura, e diz coisas em indio e em inglez que fazem o anão moro de toda a gente que... não sabe nem o indio nem o indio.

Brevemente sahem elles do Portugal, e, segundo parece, dirigem-se para o Brasil.

Pela nossa gravura já os nossos leitores da Brasil podem fazer idéa da "Mais Assombrosa Maravilha até hoje Conhecida, que dentro de algum tempo poderão conhecer pessoalmente.





# BRASIL-PORTUGAL

Composição e Impressão

Texto e capa: Companhia Nacional Editora  
Largo do Conde Barão, 54

Agências supplementares: Ol.º Escrivão Nunes & F.º  
Rua d'Assumpção, 18 e 24

Romance: Typographia Castelhano  
Calçada de S. Francisco, 13

REVISTA QUINZENAL ILLUSTRADA

Directores  
Augusto de Castilho, Jayme Victor, Lorjô Tavares  
Editores  
Luiz Augusto Sanchez  
Redacção e administração — Rua do Carmo, n.º 15, 1.º  
LISBOA  
Endereço telegraphico—BRATUGAL

## ASSIGNATURAS

ESTADOS UNIDOS DO BRASIL		PORTUGAL	ILHAS, AFRICA E ESTRANGEIRO	
Anno .....	Moeda brasileira .....	Anno .....	Moeda .....	Moeda .....
Numero avulso .....	25000	30000	30000	30000
		30000	30000	30000
		30000	30000	30000

## SUMMARY

A questão Calmon.

Thomas Ribeiro — A. M. da Cunha Bellem.

Thomas Ribeiro — BULLIÃO PATO.

Historia do batel «Vae com Deus» e da sua compa-

panha — O mar — RAUL BRANCO.

Versos inéditos — THOMAZ RIBEIRO.

Chronica musical — VASCO.

Memorias na coiza — JOAO BRAZ D'OLIVEIRA.

Politica internacional — CONSIGLIERI PEDROSO.

Miguel Angelo.

Campoamor.

Rei Milan.

Frederico Pereira Pinto.

Natal — Versos de MARIO DE ARTAGAÑO.

Othello e Desdemona.

Velhinho — Versos de THEODORO RODRIGUES.

O Carnaval na Escola Medica.

Theatros.

O homem duplicado.

### Paginas supplementares

Os nossos correspondentes.

Lorjô Tavares.

Capas para o 1.º e 2.º volumes.

Sciencia facil — Electricidade — ORAVAL.

O NOSSO JORNAL — (A quinzena noticias).

Brasil-Portugal — Reducção de preços.

Cartas da Quinzena.

O Cejo — Romance de PEREZ GALDÓS.

23 illustrações

## OS NOSSOS CORRESPONDENTES

A empresa do BRASIL-PORTUGAL tem já os seus  
representantes:

### No Brasil

RIO DE JANEIRO — S. PAULO — (Agencia Central  
dos Estados do Sul). Coronel Theodilo Pupo de Moraes  
e José Maurício Polito, Rua de Alfândega, 4, sobrado.

PERNAMBUCO — A. Leopoldo da Silveira.

PALMA — J. H. dos Santos e O.º — (Livrar's Classica) —  
Rua João Alfredo, 30.

MARANHÃO — A. Follhadelle — Casa Andersen & C.º —  
Praça Tennyson, 30.

MARANHÃO — Leoncio J. de Medeiros & C.º

CEARA — Baltas Torres & C.º

PARAIBA — José Luiz da Fonseca Magalhães (Livrar's  
Magalhães) — Rua Direita do Palácio, 28.

PELOTAS — Carlos Pinto & C.º (Livrar's American).

PORTO ALEGRE — Carlos Pinto & C.º (Livrar's American).

RIO GRANDE DO SUL — Carlos Pinto & C.º (Livrar's  
American) — Rua Marchal Floriano, 100.

### Em Africa

MOÇAMBIQUE — J. H. Augusto Pinto de Carvalho.

MOÇAMBIQUE — Joaquim Teixeira de Assumpção.

QUELIMANE — Henrique Jorge de P. Neves.

BEINGUELE — Mathias de Tavares.

LOURENÇO MARQUES — D. Bernardo Heitor da  
Silveira de Lorenza.

BOLAMA Grande — Cesar A. Gonvalves da Silva. Ho-  
mem, Theosreuter geral da Provincia

### No Continente

PORTO — (Agente geral no Porto e no norte) Antonio  
Otonio Fernandes, Rua do Almada, 451, 1.º

EVORA — (Agente geral em Evora e no Sul) Luis  
Freire Correia, director da Secalizacao dos tabacos.

BENAVENTE — J. N. S. Carvalho.

FOITE DE LIMA — Gama, Amarel & Com.º

COIMBRA — João Ribeiro Arrobas, Arco do Ivo, 1.º

CAST. LLO BRANCO — Pedro Augusto Fossas.

BRAV. LIS — Antonio Augusto Salgueiro.

ELVAS — João Antonio dos Santos Sobrinho.

COBAÇA — José Narciso da Costa.

PORTALEGRE — Domingos da Guerra Conde.

LEIRIA — Manuel Pereira Dias.

FIGUEIRA DA FOS — Antonio Marques da Oliveira.

VIANNA DO CASTELLO — J. B. Domingues.

CORUHE — José Pereira Cabral.

TAVIRA — José Maria dos Santos.

FARO — Maya & Trigueiro.

### No Estrangeiro

PARIS — Xavier de Carvalho, Boulevard Clichy, 16.

## LORJÓ TAVARES

Parte no dia 8, a bordo do *Sobralense*, para o  
Norte do Brasil, um dos proprietarios e directores  
do *Brasil-Portugal*, o sr. Lorjô Tavares.

Vae pela segunda vez visitar o Pará, Manóes  
e Maranhão, cidades em que contamos numero-  
sos amigos, e onde esta Revista tem vastos ele-  
mentos de vida.

De lá seguirá Lorjô Tavares para o Rio de  
Janeiro e outras cidades do sul do Brasil.

Prospera viagem e *bonne chance* é o que de-  
veras desejamos ao infatigavel director do *Brasil-  
Portugal*.

## CAPAS PARA O 1.º E 2.º VOLUMES

A administração do *Brasil-Portugal* encorrega-se de mandar fazer  
encadernações para os volumes

d'esta Revista, ao preço minimo de  
18000 réis, em capas simples e elegantes.

Encarrega-se tambem de encadernações de luxo por preços modicos.

## SCIENCIA FACIL

### Electricidade

II

Para completarmos o estudo dos aparelhos  
destinados a produzir a electricidade faltou-nos  
descrever o electrophor Peiffer, de invenção  
americana e que é formado por uma chapa de  
ebonite com a espessura de um millimetro, ten-  
do collada uma folha de estanho n'uma das suas  
faces.

E' facil a producção de electricidade com este  
aparelho; basta collocar-o sobre uma mesa e  
esfregar successivamente as suas duas faces com  
a palma da mão, para, pegando-lhe com a mão  
esquerda e approximando da folha de estanho a  
mão direita, se obterem fiascas de dois centi-  
metros de comprimento.

E' completado este aparelho por uma serie  
de bonacos de medalla de submergo que colloca-  
dos sobre a folha de estanho executam con-  
tornos variis.

Sabemos como havemos de produzir electri-  
cidade; vamos ver agora os instrumentos desti-  
nados a apreciar se qualquer corpo está electri-  
zado. Chamam-se estes aparelhos *electroscopios*  
e são de facil construcção.

Para isso toma-se um fio de ferro a que se dá  
a forma de um Z e introduz-se n'um frasco de  
largo gargalo tendo o cuidado de que elle não fique  
em contacto com as paredes do frasco; ao ramo  
inferior do Z suspendem-se duas folhas delgadas  
de estanho; o ramo superior fica fóra do frasco  
e applica-se sobre elle uma chapa de metal, de  
maneira que fique bem fixe.

Para reconhecer se um corpo está ou não electri-  
zado basta approximá-lo da chapa metalica; se  
estiver, as duas folhas de estanho afastar-se-  
hão bruscamente uma da outra; se não estiver  
as duas folhas conservar-se-hão em repouso.

# Conselho d'Amigo...

## Os Vinhos de Adriano Ramos Pinto!

Além d'este electroscopio ha varios outros; assim ha por exemplo, o pendulo electrico que consiste n'uma pequena esphera de medulla de sabugueiro suspenza por um fio de seda de um supporte formado por uma haste de vidro; sempre que se aproxima da esphera um corpo electrizado, ella é atrahida e em seguida repellida. Quando não podemos dispor d'estesapparelhos podemos recorrer para o mesmo fim a uma simples experiencia que consiste em collocar horizontalmente em equilibrio sobre o vidro d'um relógio uma boquilha ou um cachimbo; aproximando de uma das extremidades da boquilha um copo de vidro que tenha sido electrizado por fricção com um panno de lã, veremos a boquilha ser atrahida para o mesmo ponto e chegou a dar a boquilha será repellida e fugirá constantemente do copo.

—Vamos agora vêr quaes são as experiencias que se podem fazer com as machinas electricas; são innumeradas e não é de arte de mago indole dos nossos que se pôde fazer a descripção de todas ellas; por isso apenas trataremos de algumas d'ellas que estão mais a mão de cada um.

Figura á frente d'estas experiencias a do carrilhão electrico.

Compõe-se este carrilhão de uma haste de cobre á qual estão suspenzas tres campainhas; a do meio por um fio de seda, as duas das extremidades por cadeias metalicas; entre estas campainhas e o fecho meio de cordões de seda estão suspenzas duas pequenas espheras metalicas; faz-se funcionar o carrilhão collocando a haste de cobre em comunicação com a machina por meio d'uma corrente de metal e a campainha do centro em comunicação com a terra por meio de outra corrente; logo que a machina esteja em actividade, as duas campainhas das extremidades serão electrizadas e as espheras atrahidas para ellas; como as campainhas ficarão electrizadas e serão logo repellidas, indo bater na campainha central que por estar em relação com a terra por meio da corrente metalica a qual já alludimos dar passagem ao fluido das espheras que ficam assim no estado natural e portanto aptas a de novo serem atrahidas. Da repetição de attrações e repulões resulta uma serie de sons.

—Ao grupo das experiencias que se podem fazer com as machinas electricas pertence a chamada experiencia da sarrasa; para se fazer esta experiencia, é preciso arranjar uma porção de espheras de medulla de sabugueiro e dois discos metalicos collocados um por cima do outro e separados por um fio de maior ou menor; o disco superior está em comunicação com a machina, o inferior com a terra; no intervalo que separa os dois discos collocam-se as espheras; fazendo funcionar a machina, o disco superior que está em relação com ella electrizase e atrahse as bolas de sabugueiro; estas chegando ao contacto com o disco carregam-se de electricidade, são repellidas e descarregam-se quando chegam ao contacto com o disco inferior.

Foi esta experiencia inventada por Perta, physico italiano, que explicava a formação da sarrasa pelas attrações e repulões que os flocos de neve experimentavam entre duas nuvens; esses flocos são agitados por um vento de neve e assim irão aumentando de volume até cahirem.

Substituindo as espheras por pequenos bonecos de medulla de sabugueiro temos a experiencia da *dansa dos bonecos*.

—Baseada no principio do pendulo electrico existe a experiencia do *domador*; para a executar começa-se por cortar em cartão forte a *sihouette* de um domador com o seu chicote e fôrma de papel de estanho; pinta-se-lhe de fora a cara e os olhos e colla-se sobre uma folha de cartão com um pouco de lacre. Na outra extremidade da prancheta de cartão collase verticalmente um arame de ferro curvado em angulo recto e pegado ao cartão, com lacre; da extremidade de um dos lados pendese por um cordão de seda uma figura de sabugueiro representando um animal feroz, como um leão ou um tigre. Collocando o domador em relação com a machina e a haste de ferro com a terra é fazendo funcionar a machina o leão é atrahido pelo domador e logo repellido, durante estes movimentos enquanto a machina funciona.

ORVAL.

Ninguém se deve vangloriar. Quando o nosso inimigo é poderoso, é imprudencia e loucura; quando é desgracado, é crueldade e baixez.

## ⇄ O NOSSO JORNAL ⇄

(A quinzena noticiosa)

### A questão Calmon

Nesta ultima quinzena, a questão Calmon redobrou de interesse e gravidade.

Domingo Gordo, á hora da missa do meio dia na igreja da Trindade, no Porto, surgiu um incidente que foi o ponto de partida para os ultimos acontecimentos, que ainda a esta hora occupam a attenção de todo o paiz e agitam a opinião n'aquella cidade.

Quando a sr. D. Rosa Calmon, filha do consul brasileiro, sahia, com sua mãe, da igreja, tentou afastar-se com uma senhora, que a esperava. A mãe, que percebeu a tentativa de fuga, agarrou-a e gritou: "Acudiram varias pessoas, que ali se achavam perto n'um grupo e que se diz não terem sido extranhas a essa tentativa. Mas por tal fôrma e com tão grande intimidade se oppozeram a mãe e o pai, que, acudindo um jornalista do Porto, que ali appareceu por acaso, e um policia páisano, a sr. D. Rosa Calmon pôde ser conduzida pelo braço do jornalista até a uma carruagem, que a levou com sua familia para casa.

Na discussão, que se levantou entre o sr. Calmon e o tal grupo, houve, ao que parece, troca de palavras azedas. O consul gritou, ao que se diz, contra os ladões de sua filha, e os do grupo puzeram a carapuça e intentaram-lhe um processo judicial. Entretanto a policia tomou conhecimento do caso, segundo participação do pai de D. Rosa e um auto se levantou immediatamente, tendo-se ouvido muitas testemunhas, a propria D. Rosa, seus paes, o jornalista que lhe acudiu e todos os do celebre grupo. Esse auto foi depois enviado ao poder judicial, tirando-se uma copia para o governo.

Mas o caso dera-se em pleno Domingo Gordo, e as brincadeiras carnavalescas reduziram-lhe o interesse do momento. No entanto, a noticia espalhou-se no Porto e os jornaes de quinta feira appareceram com narrativas poromentosadas que causaram certa sensação. N'um dizer tu, direi eu, em cartas varias inseridas nos jornaes entre as pessoas que máis figuram a tentativa de fuga ou de rapto, se passaram os dias até o novo Domingo. Então n'esse dia, á mesma hora da missa, á porta da igreja via-se muita gente. A familia Calmon não appareceu. Mas os grupos que se juntaram ali avistaram primeiro um lojista que se salientára na indignação contra o consul brasileiro, e fizeram-lhe uma manifestação hostil. A esses grupos compostos de populares vieram juntar-se, pouco a pouco, os estudantes e logo se preparou uma manifestação de sympathy ao consul do Brasil. Dirigiram-se para casa do sr. Calmon, dando vivas á Liberdade. O consul chegou á janella com a esposa e a filha, e os vivas repetiram-se. Então o sr. Calmon, agradecendo, soltou um viva ao povo livre.

Entretanto, a policia avisada do movimento popular, sempre crescente, chegou para o dispersar. Combinou-se então outra manifestação, mas esta hostil, em frente do palacete Petrana, familia conhecida pelas suas idéas miguelistas e religiosas, mas d'esta vez a policia cortou-lhe os passos.

A estas duas manifestações se resumiu o grupo, mas no dia seguinte outros appareceram, e ás manifestações seguiram-se fumulatos e a estaes lecta encarnigada com a policia, que recebeu instrucções precisas de manter a ordem, e que não o conseguindo, desembainhou os terçados havendo grossa pancadaria.

Alguns populares e soldadas ficaram feridos. No da seguinte, o governo era interrogado na camera pelo deputado por Villa Nova de Gava, que desejou saber se estava disposto a manter a ordem e a cumprir a lei no que respecta ás ordens religiosas. Respondeu o sr. Presidente do conselho que sim, a ambas as perguntas, e o deputado agradeceu a resposta respeitosa.

Entretanto os tumultos continuaram nos outros dias e noites, e se em dois dias se interromperam, foi porque a chuva caiu abundante, o que prova que um bom aguaceiro é ainda a melhor policia que se conhece.

Deve dizer-se que estes tumultos fingem ter origem na indignação que aos espiritos liberes causou a tentativa de domingo, mas não são senão uma derivante d'essa indignação. A policia apoderou-se já do caso e por isso e com rasão dizia ainda um dia d'estes o sr. Presidente do Conselho, vivamente chamado a capitulo pelos deputados portuezes: — O Governo tem de assegurar o respeito pelos laços da familia e assim o fez — mas tem tambem de cohibir manifestações desordeiras e provocadoras — e é o que faz.

O consul brasileiro em tudo o que respeita á imposição dos seus direitos de chefe de familia obteve das autoridades do Porto todo o auxilio. No que tocava á questão judicaria, os tribunales a discutiram e a sentenciaram.

Por isso, causou espanto um boato espalhado ha dias de pretendidas manifestações no Rio de Janeiro contra a legação portueza, boato em que aliás poucos acreditaram e que no dia seguinte era desmentido formalmente.

O sr. Calmon recebeu já ordem do seu governo para retirar-se, com toda a sua familia e a sr. D. Rosa, sua filha está disposta a acompanhá-lo. Venceu, portanto, o amor de pai n'essa lucta heroica contra o fanatismo, e com a retirada da sr. D. Rosa, do Porto, é certo que os animos acalmarão e que o governo poderá tranquilamente cumprir com o seu dever.

É positivo que os ordens religiosos vivem no nosso paiz á sombra de uma inexplicavel tolerancia, e que desde o momento em que o recrutamento jesuitico se manifesta tão ás claras, tentando roubar ao carinho da familia, as filhas mais queridas, o governo tem obrigação restricta de intervir, fazendo cumprir a lei.

Segundo os jornaes do Porto, quando chegou ao poder do sr. Calmon a noticia da tentativa do seu governo, a sr. D. Rosa, longe de insistir no seu proposito de ficar em Portugal, teve um grande ataque de choro, declarando depois que acompanharia seus paes.

*E tout est bien qui finit bien.*

No nosso numero de hoje publicamos os retratos do dr. Calmon e de sua filha, D. Rosa Calmon.

N'um dos proximos numeros publicaremos varios aspectos do Porto na occasião dos tumultos e alguns retratos de pessoas que mais se tornaram salientes na questão Calmon, quer pela sua attitude hostil quer favoravel aos protestos contra as instituições religiosas.

### Nogueira Soares

Com 65 annos morreu em Lisboa, onde havia chegado poucos dias antes, o illustre diplomata Duarte Gustavo Nogueira Soares, que durante a sua longa carreira publica prestou os mais assignalados serviços á sua patria, desde a collaboração intelligente e cuidada em muitos tratados commerciaes que o levaram varias vezes ao estrangeiro, até ao desempenho de altas missões diplomaticas, como foram as duas ultimas, representando Portugal junto do governo brasileiro e junto do Conselho federal suizo. No Rio de Janeiro e em termos portuguezes a mais sympathica. Era um homem finissimo, um espirito muito culto, um caracter muito bom, e um funcionario muito distinto.

Formado em direito pela Universidade de Coimbra, era grã-cruz de Isabel a Catholica, de Hespanha; de Francisco José, da Austria; de S. Gregorio Magno, de Roma; e de Christo, meteo com que o governo portuguez o agraciou ha dois mezes. Era tambem grande official da Legião de Honra e commendador de outras ordens. Começou a sua carreira pelo ministerio das obras publicas de onde passou em commissão para o dos estrangeiros, ficando definitivamente ali em 1866. De primeiro official passou a chefe de repartição e depois a director geral. Foi a Paris, Londres, Bombaim e Calcutta, em missão diplomatica e fez parte de varias commissões encarregadas de tratados com as nações estrangeiras.

O seu corpo foi transportado para a igreja de S. Pedro de Alcantara e depois para o Caminho



**S. Carlos.** — Depois da despedida do tenor De Marchi, com a opera de Bizet, *Carmen*, e a estreia da sr.<sup>a</sup> Bellincioni na *Fedora*, de Giordano, entram em ensaios a opera de Mozart, *D. João*, que se deve cantar em meados da primeira semana de março. Em seguida serão cantadas as operas *Bohème*, de Puccini; *Sansão e Dalila*, de Saint-Saens, e a *Filha do regimento*. Na *Bohème* entram as sr.<sup>as</sup> Bellincioni e Martelli, e os sr.s. Garbin e De Lucca. No *Sansão e Dalila* os papeis de protagonista são cantados pela sr.<sup>a</sup> Mantelli e pelo sr. Ceppi.

A segunda audição da *Missa de Requiem*, de Verdi, está marcada para domingo de dia.

**D. Maria.** — Agraduo de tal modo a peça de Richepin, *Caminheiro*, que o sr. Julio Dantas traduziu para bellos versos portuguezes, que a empresa resolveu não alterar o cartaz na proxima quinzena.

— Está em ensaios o *Tartufo*, de Molière, que deve representar-se em meados de março. Ha muitos annos que a comedia do grande escriptor francez se não representa em Lisboa, desde o tempo em que o santos Pittora dirigiu o theatro, e que fez brilhantemente o protagonista, desempenhando Antonio Pedro o de Anselmo, o marido atraiçoado.

A distribuição agora é a seguinte:

Tartufo.....	Augusto de Mello.
Anselmo.....	Joachim Costa.
Theodoro.....	Fernando Maia.
Valerio.....	Carlos Santos.
Luiz.....	Theodoro Santos.
Modesto.....	Manoel Nobre.
O Ministro.....	Gama.
D. Rosaria.....	Emilia Lopes.
D. Isaura.....	Augusta Cordeiro.
D. Marianna.....	Cecilia Machado.
Victoria.....	Amelia Vianna.
Filippa.....	Sarah Coelho.

**D. Amelia.** — Já entrou em ensaios a peça que Marcelino de Mesquita extrahiu do celebre romance de Scienkiewicz, *Quo vadis?* e a que poz o titulo de *Petronio*. Tem 3 actos e 6 quadros.

A empresa tem empregado todos os esforços para que a peça seja posta em scena com todo o luxo, e que constitua não só o acontecimento litterario a que está destinada pelo talento de Marcelino de Mesquita, mas tambem um successo de guarda-roupa e scenario, para o que encarregou d'este trabalho Augusto Pina, cujo talento artistico já os nossos leitores puderam apreciar nos trabalhos publicados no *Brasil-Portugal*.

A distribuição dos papeis do *Petronio* é a seguinte:

Petronio, poeta satyrico.....	Eduardo Brazão.
Nero, imperador romano.....	Augusto Rosa.
Paulo de Tarso, christão.....	João Rosa.
Marcos Vinicio, consult.....	Luiz Pinto.
Chilon, philosopho charlatão.....	A. Pinheiro.
Figelino, chefe pretoriano.....	A. Antunes.
Sereccion, patricio romano.....	Carlos Bayard.
Vitelio, idem.....	Luiz Gil.
Luciano, poeta.....	Henrique Alves.
Vatínio, intendente.....	F. Senna.
Douricio.....	A. Sampaio.

# O CARTAZ DA QUINZENA

Musonio.....	F. Salles.
Uraus, escravo.....	Alfredo Santos.
Nerva, patricio de Cumos.....	Alvaro Cabral.
Lucio.....	F. Lagos.
Seneca, philosopho.....	J. Reis.
Teiresias.....	A. Quaresma.
Um escravo.....	Antonio Silva.
1. <sup>o</sup> Rabino.....	Salles.
2. <sup>o</sup> Rabino.....	A. Pedro.
Gulon.....	A. Silva.
Outro escravo.....	N. Gomes.
Timon.....	N. N.
Gladiadores.....	N. N.
Pythagoras.....	Jesuina Saraiva.
1. <sup>o</sup> Senador.....	Subtil.
2. <sup>o</sup> Senador.....	Germano.
Poppea.....	Carolina Falco.
Eunice, escrava de Petronio.....	Maria Falcão.
Actes, ex-amante de Nero.....	Maria Pa.
Lygia.....	Amelia Pereira.
Carina.....	Elvira Costa.
Nigida.....	Elvira Santos.
Crispinilha.....	Candida Sousa.
Pomponia.....	A. O'Sullivan.
Lucrecia.....	Maria Ferreira.
Julia.....	Candida.
Octavia.....	M. Ferreira.

Os quadros intitulam-se:

- 1.<sup>o</sup> — Os amores de Vinicio.
- 2.<sup>o</sup> — O festim de Nero.
- 3.<sup>o</sup> — O rapto de Lygia.
- 4.<sup>o</sup> — O incendio de Roma.
- 5.<sup>o</sup> — O apostolo christão.
- 6.<sup>o</sup> — Morte de Petronio.

Augusto Pina está pintando o scenario para todos estes quadros, que representam:

- 1.<sup>o</sup> — Sala em casa de Petronio. Estylo grego romano.
- 2.<sup>o</sup> — O festim de Nero no Triclinium. Grande sala no palacio do imperador. Ao fundo, segunda sala, d'onde se vê Roma. Efeito de noite.
- 3.<sup>o</sup> — O atrium da casa de Vinicio. Estylo romano.
- 4.<sup>o</sup> — Sala no palacio de Nero. Noite. Pelo fundo, durante o acto, vê-se o começo do incendio de varios pontos da cidade, terminando pelo incendio geral.
- 5.<sup>o</sup> — A mesma scena do 4.<sup>o</sup> quadro. Ao fundo, as ruinas da cidade.
- 6.<sup>o</sup> — Casa de Petronio. Jardim, apparecendo por entre o arvoredo a bahia de Napoles. Efeito de sol poente.

**Trindade.** — Continúa o successo do *Homem das mangas*, a peça que os sr.s. Mello Barreto e Freitas Branco verteram do allemão para portuguez, e em que Lucinda do Carmo, a genérisima artista, tem alcançado as mais brillantes ovações de que ha exemplo nos theatros portuguezes.

E, pois, o *Homem das mangas* a peça que, durante a quinzena, apparecerá no cartaz, cedendo apenas algumas noites para ser representada a deliciosa operetta *Sinos de Corneville*, cuja reprise se realisará no dia 9.

**Gymnasio.** — Dá espectaculos todas as noites com peças varias, até á noite de 9 de março, em que se realisava a festa artistica do actor Telmo, com a primeira representação da comedia em 3 actos de A. Sylvane, *Amaz secca*, traduzida por Carlos de Moura Cabral, e da comedia em 1 acto, original de Pedro Pinto, *Os dois annuncios*.

A distribuição dos papeis na *Amaz secca* é a seguinte:

Octavio Bédarrioux, advogado.....	Telmo.
Des Poutrelles, medico.....	Ignacio.
Heitor Lambrequin.....	Marcellino.
Letorad, agente de policia.....	Cardoso.
Fallembourg.....	Sarmento.
Chopin.....	A. de Sousa.
Domingos, criado.....	A. Ferreira.
Helena des Poutrelles.....	P. Torres.

Sylvania Lambrequin.....	Sophia.
Adelia Fallembourg.....	A. Coutinho.
Germana.....	E. Berardi.
Hortensiana.....	L. Berardi.
Catharina.....	P. Ferreira.
Agatha.....	Adelia.

Da comedia *Os dois annuncios* é a seguinte a distribuição dos papeis:

Arthur Zagallo.....	Ignacio.
José.....	Cardoso.
Gregorio.....	Sarmento.
D. Antonia.....	Josepha.
Ritta.....	Adelia.

Lisboa — Actualidade.

**Avenda.** — E' inutil dizer que a revista de Sousa Bastos, *Talvez se escreva*, continúa sempre em scena; mas a necessidade de dar lugar aos beneficios de Jesuina Marques e actor Gomes, faz com que a empresa ponha em scena o *Boccacio*, a engracadissima opera comica, traducção de Eduardo Garrido, e a *Noite e Dia*, operetta traduzida por Leon e Eduardo Garrido.

A distribuição dos papeis no *Boccacio* é a seguinte:

Boccacio.....	Palmyra Bastos.
Petronilla.....	Jesuina Marques.
Lélio.....	Elvira Mendes.
Beatriz.....	Aurelia Santos.
Beppe.....	Amelia Avelar.
Leonor.....	Beatriz.
Pandolpho.....	Alfredo Carvalho.
Principe de Palermo.....	Corrêa.
Figaroni.....	Gomes.
Trombolini.....	Santos Junior.
Cecio.....	Roldão.
Bradamante.....	Antonio Sd.

Na *Noite e Dia* foi feita do seguinte modo a distribuição dos papeis:

Manola.....	Palmyra Bastos.
Beatriz.....	Amelia Avelar.
Angela.....	Isabel Costa.
Antonio.....	Julia Corrêa.
Pepto.....	Amelia Rodrigues.
Pablo.....	Elvira de Jesus.
Medina.....	Beatriz Santos.
Don Caracotes.....	Corrêa.
Don Entoncez.....	Gomes.
Miguel.....	Antonio Sd.
Don Soporifero.....	Roldão.
Christovão.....	Ricardo.

**Uma dos Condes.** — A empresa d'esto theatro pôde ter excellentes desejos de variar os espectaculos, mas o publico não lhe deixa.

Como as creanças em altos berros pedem a Emulsião Scott, o publico pede em altos gritos que não lhe tirem o *Nicet*... da scena.

E a empresa, satisfazendo o publico, todas as noites lhe dá o *Nicet*... a engracadissima revista de Schwabach.

**Principe Real.** — Emquanto não parte para a ilha da Madeira, va a companhia d'esto theatro representando a *Rosa Engatada*, a deliciosa peça de D. João da Camara, que tío applaudimento sem tido, e nos dias 7 e 8 representa pela primeira vez os dramas *O cabo Simão*, traduzido pelo sr. José Bento de Araujo Assis, e *Justica*, traducção de Salvador Marques.

No dia 20 parte a companhia para a ilha da Madeira, onde va representar no theatro D. Maria Pia.

**Colysen dos Recreios.** — Continúa dando espectaculos com parte da companhia de circo, que trabalhou durante o inverno, e com o *Royal Kosmograph*, a ultima palavra da cinematographia, que está causando grande entusiasmo não só pela perfeição e milizes dos quadros que apresenta, como pela belleza dos assumptos.

de ferro, seguindo para a freguezia de Thinas, em Marco de Canavezes, onde nasceu.

Na noite do dia em que morreu, o governo recebeu do encarregado de negocios em Berne um telegramma dizendo que a noticia da morte tinha sido ali profundamente sentida e que o Presidente da Confederação lhe havia dirigido uma nota com os seus sentimentos para o governo portuguez.

Em Berne a missao de Nogueira Soares foi importantissima e d'ella se desempenhou elle brilhantemente. Trabalhou immenso no defesa dos direitos de Portugal, junto do tribunal de Berne encarregado de dar a sentença arbitral na questio promovida pelos descendentes de Mac-Murdo, concessionario da linha de Lourenço Marques, e por tal forma se houve, que essa sentença se resumiu n'uma simples indemnisação pela rescisao do contracto, ficando Portugal com a linha de caminho de ferro.

Do proximo numero publicaremos o retrato do illustre diplomata.

### Propostas de Fazenda

O ministro da Fazenda, conselheiro Mattoso Santos, apresentou no parlamento juntamente com o seu relator de fazenda, doze propostas que foram bem acceitas pela op. n.º publica.

Visam todas 4 reforma pratica da arrecadação dos varios impostos, alterando alguns mais vectorios, e procurando na melhor forma de cobrança o maximo que elles possam render, sem os aggravar.

Essas propostas são as seguintes:

N.º 1—Modificando a liquidação e cobrança de impostos directos.

N.º 2—Modificando o systema de lançamento e cobrança do imposto predial, e permitindo a cobrança de foros e pensões a dinheiro juntamente com essa contribuição.

N.º 3—Modificando as disposições vigentes sobre impostos de registro.

N.º 4—Modificando o lançamento e cobrança da contribuição de rendas de casas.

N.º 5—O mesmo para a contribuição sumptuaria.

N.º 6—Modificando as tabellas da lei do sello.

N.º 7—Modificando os typos das estampilhas fiscaes.

N.º 8—Modificando o imposto do real de agua.

N.º 9—Auctorisando a publicação d'uma nova pauta da alfandega, mas sem diminuir as taxas.

N.º 10—Estabelecendo varias disposições sobre dravachas e restituição de direitos.

N.º 11—Modificando o regimen da importação do bacalhau fresco.

N.º 12—Mandando cunhar dez contos de m. e. da de cobre para os Açores, onde ha falta de trocos.

### Os credores externos

Esta questio, que ha uns dez annos quasi atormenta a existencia dos ministros em Portugal, surgiu agora de novo e desta vez revestida de maior gravidade.

Em 1892 o gabinete Dias Ferreira reduziu como se sabe o juro da divida, um terço para a interna e dois para a externa, por causa do grande agio do ouro. Os credores externos não gostaram, como facilmente se comprehende, d'essa redução, e o ministerio de então tentou fazer com elle um convenio para o qual foi a Paris o fallecido estadista Antonio de Serpa. Mas esse convenio não chegou a ser ratificado, veio outro gabinete, o de 1893 presidido pelo actual presidente do conselho e apresentou ás côrtes uma lei regulando definitivamente o regimen d'essa divida externa. Essa lei passou em camaras com applauso de todos e os credores calaram-se e foram recebendo os seus juros.

Mas cahiu em 1894 esse ministerio Hintze Ribeiro, veio o gabinete José Luciano de Castro e o ministro da fazenda de então, querendo levantar um emprestimo nas praças de fora e vendo a impossibilidade de o conseguir sem dar mais alguma coisa aos nossos credores, teve a infeliz lembrança de voltar negociações para um convenio. Para isso mandou durante mezes consecutivos emissarios varios, mas o emprestimo foi posto de parte, e as negociações para o convenio nunca se ultimarão com os comités que, ao que se se dizia, eram verdadeiramente cruéis nas suas exigencias, entre as quaes se citava a do *controlle* mais ou menos d'arbitrario.

Cabindo o gabinete de Luciano de Castro, voltou o sr. Hintze e declarou que mantinha o regimen de 1893. Aqui foi Troya e os francezes que não nos

olham bem desde os novos symptoms de aliança com a Inglaterra, arranjaram o senador Guérin para interpellar o governo sobre o caso, e o ministro dos Estrangeiros Delcassé respondeu-lhe narrando os esforços sempre empregados para salvaguardar os interesses francezes, mas debalde, e acrescentou—o interesse do decoro portuguez seria ultimar esta questio. Disse mais que accetaria o convenio elaborado pelo gabinete progressista, que o actual gabinete derrogou porque se insurge contra toda a ideia de *controlle*, dizendo que offenderia os brios da nação.

Essas palavras causam garrulada na camara, e o ministro termina declarando que o governo francez está resolvido a impôr ao de Lisboa a solução immediata d'este assumpto.

Quando se soube do que se havia passado em Paris, a impressão no paiz foi profunda. Logo o governo foi interpellado nas camaras, pelo deputado Augusto Fuschini, e par do reino visconde de Chancelleries, respondendo o primeiro o ministro dos Estrangeiros e ao segundo o presidente do conselho, em termos bem precizos.

—O governo mantém o regimen da lei de 1893 não toma compromisso algum superior ás possibilidades do thesouro, não acceta condições attentatorias da nossa autonomia financeira e não admittirá *controlle* que directa que indirecta.

N'esta ordem de cousas o governo tem o apoio de todo o parlamento, e a questio está n'este pé, aguardando-se a chegada do jornal official para se conhecer bem os termos da resposta do sr. Delcassé ao senador Guérin.

### Em honra do imperador da Alemanha

Foi muito brilhante a festa que se realizou no regimento de cavallaria 4, para inaugurar o retrato do imperador da Alemanha, seu commandante honorario. Foi uma homenagem significativa. Assistiram El-Rei, o Ministro da Alemanha com o pessoal da legação, e o ministro da Guerra, além de varios officios do exercito.

Sua Magestade apresentou-se com o uniforme de coronel de infantaria da Alemanha, de que é commandante honorario, e com a grã cruz da Agua Negra.

Chegados todos em frente do retrato, o coronel de infantaria fez um pequeno discurso e entregou a Sua Magestade os cordões do panno que o releva.

O retrato de Guilherme II é uma bella tela a oleo, representando o imperador com o uniforme portuguez.

Depois procedeu-se a uma visita a todas as dependencias da questio, assistindo os convidados, no pido, a curiosos exercicios de movimento do corpo. Findos estes, serviu-se na sala d'armas um *lunch*, sendo levantados brindes cordialissimos, o primeiro do Senhor D. Carlos ao Imperador, e o segundo do Ministro da Alemanha a El-Rei.

O quartel illuminou 4 noites, e o Coronel do regimento, para solemnizar esta festa, perdeu todos os castigos disciplinares.

N'um dos proximos numeros daremos varios aspectos d'esta festa.

### Situação commercial

A praça em rasão do carnaval esteve um pouco atarracada mas a bolsa animou-se, reflectindo-se n'ella o movimento das bolsas estrangeiras onde os valores da nossa especulação estão sendo muito procurados. O desconto foi facil regulando entre 5 e 6 %; *reports* a 6 %.

A exportação de generos foi boa, havendo um notavel incremento em alguns d'elles se a oferta com a do anno passado em igual periodo. O rendimento da alfandega até hoje tambem augmentou um pouco sobre o do anno anterior.

Os cambios regularam entre 36 e 37 sobre Londres; 771 a 775 sobre Paris; 316 1/2 a 318 sobre Hamburgo; 935 a 945 sobre Madrid, mas o movimento foi pouco.

A oferta de papel procedente do Brasil foi muito regular.

### O cruzador D. Carlos

Merece especial menção a viagem que acaba de fazer este cruzador que tinha ido assistir aos funeraes da rainha Victoria. De Portsmouth a Lisboa gastou dois dias, devendo ter attingido portanto uma velocidade de 16 milhas por hora.

### Rainha Maria Pia

A Rainha Ivia, que tem estado, desde que regressou de Huila, bastante incommodada com um forte ataque de fígado, acha-se agora um pouco mais aliviada dos seus padecimentos.

Sua Magestade que se conserva ainda no seu chalet do Monte Estoril foi auctorisada, se o tempo o permitir, a dar alguns passeios no jardim que circunda o chalet.

### O Principe de Monaco

Esteve no Tejo, uns quatro dias, a bordo do seu *yacht*, o Principe de Monaco, que foi acompanhado por El-Rei e pelos ministros. O Principe jantou no Paço, foi aos theatros e passou muito em Lisboa. O Infante D. Alfonso convidado por Sua Alteza para uma viagem, resolveu encontrar-se com elle em Nice, para onde partiu na manhã seguinte ao dia em que o *yacht* do Principe largou do Tejo.

### Henrique de Mendia

Morreu com 43 annos este illustre agricultor que era lente do Instituto de Agron. mia e deputado pelas Caldas da Rainha. Era um rapaz muito illustrado, intelligente e serio, gostando geraes sympathias. Orador fluente e brilhante, distinguia-se como parlamentar e fora convidado ainda ha mezes para a pasta das obras publicas do actual gabinete, recusando-a.

Era um lavrador e um proprietario rico e independente.

### Demissão da Camara de Lisboa

Ha muito que havia queixas contra o serviço de beneficencia administrado pela Camara Municipal de Lisboa. O governo apresentando agora ao parlamento um projecto com as bases de auctorização para reformar os serviços de saude e beneficencia, localisa este no ministerio do Reino.

Em vista d'isto, a Camara resolveu demittir-se, dirigindo ás camaras uma representação e indo ao Paço entregar uma mensagem a El-Rei.

Mas apesar de se ter demittido, deixam-se ficar para não incorrerem os vereadores na multa por terem abandonado os logares!

### Eça de Queiroz

A sessão houve em homenagem ao grande romancista, promovida por uma commissão de estudantes realisa-se no dia 3, na sala da Academia das Sciencias.

Esta sessão ha muito projectada, fóra adiada por causa da morte da rainha Victoria, que impedia a familia real de assistir.

### Grande reunião vinícola

Na Real Associação de Agricultura Portugueza houve uma reunião magna de agricultores do paiz para se resolver a forma de acudir á crise vinícola.

Depois de muita discussão approvou-se unanimemente que todos os presentes acompanhassem a direcção ás Côrtes, a procurar o Sr. Presidente de Conselho, insistindo com S. Ex.ª pela apresentação de propostas vinícolas no sentido indicado pelo congresso de 1900, e pedindo para sollicitar de El-Rei auctorização para uma deputação expôr a S. M. a situação dos viticultores.

O conselheiro Hinate Ribeiro recebeu grande commissão respondendo que o governo não descarta do assumpto e tanto que n'este momento o seu collega das Obras Publicas trabalha nas propostas que breve apresentará ao Parlamento.

Da Commissão fizeram parte muitos pares e deputados agricultores, percententes a todos os partidos.

### O frio

Os primeiros dias d'esta segunda quinzena de fevereiro foram medonhamente frios, como usualmente succede no paiz, sobretudo na Extremadura. Na Serra da Estrella, onde a temperatura é sempre muito mais fria, o thermometro chegou a marcar 12 e 13 abaixo de zero, e em Lisboa onde a temperatura nunca baixa a menos de 4 ou 5, desceu esta vez a 2 abaixo de zero.

A agua nos jardins transformou-se durante noite em grandes placas de gelo.

### Doas senhoras agraciadas

Pela primeira vez foi concedido o officialdo de S. Thiago a duas senhoras. Ambas ellas são dignas da alta mercê com que foram agraciadas, pelo seu grande merito litterario e finissimas qualidades de espirito e de coração: as sr.s D. Maria Amalia Vaz de Carvalho, escriptora distinctissima e D. Carolina Michaelis, a erudita investigadora da historia da nossa litteratura. A sr.s D. Maria Amalia, que é a viuva do grande e malogrado poeta Gonçalves Crespo, offereceu um jantar intimo á sua collega. Assistiram os distinctos homens de letras Ramalho Ortigo, Antonio Candido, Christovam Ayres e Joaquim de Vasconcellos.

### Uma tragedia no Seixal — Familia envenenada — 3 mortes

Compunha-se esta familia de tres pessoas: Henrique Rodrigues, de 25 annos, natural de S. Pedro, do Sul.

Anna Maria, sua mulher, de 21 annos, natural do Barreiro.

Um pequineto, seu filho, de nome João. Era um matrimonio modelo. Amavam-se e estimavam-se, mas a fortuna não lhes sorria. Elle ora cavava no campo ora ia ápanha das ostras que depois vendia. Voltava da venda, e na estrada encontrou um carturo roto de farinha de milho. Alegre pelo achado, agarrou no embrulho e trouxe-o para casa. Já tinham almoço para o dia seguinte.

De manhã, effectivamente a mulher levantou-se e foi fazer a farinha. To-dos tres comeram com vontade, mas ao fim de duas horas a creancinha começava em anciar, pouco depois a mãe e ao fim da tarde o pae quando os dois queridos entes já eram cadáveres. Examinado um bocado de farinha, encontrou-se-lhe arsenico.

Mas o mais triste d'este tragico caso é que elle durou ainda dia e meio, e nas primeiras horas da sua agonía, conversava com a mulher e com o filho que estavam ali estendidos a seu lado, que elle via e que imaginava descansando quando elles dormiam já o somno eterno.

### Pontes sobre o Douro

Vae abrir-se concurso para a construcção de duas novas pontes sobre o rio Douro. Uma é em frente do Pinhão e deve ligar as estradas districtas n.º 5 e 31 com a estrada real n.º 34; e a outra, é proxima da estação do Rocio, e é commun á estrada real n.º 9 e ao caminho de ferro da via reduzida que vae do Rocio a Miranda. A primeira terá 6 metros de entre as guardas, sendo 3 para a fazer empedrada e 2 para os passeios, e a segunda terá a largura sufficiente para comportar em vias independentes e ao mesmo nivel o Caminho de ferro da estrada viduaria, esta com 4 metros e um passeio de metro e meio.

### Dr. Urbano de Freitas

Este celebre assassino sahio no dia 22 do mez passado da Penitenciaría e seguiu para degredo a bordo do *Ambaca*, juntamente com outros 2 degredados. Logo que chegou a Ambaca, irá cumprir ainda 18 mezes de prisão.

Estava na Penitenciaría 6 annos, 8 mezes e 27 dias, usando sempre durante a sua permanencia ali lunetas fumadas. A sua attitude foi sempre a mais alheia a qualquer vislumbre de remorso, e apenas segunda-feira gorda, durante o passeio, um guarda notou que elle tirava a luneta para limpar umas lagrimas. E' que n'esse dia tinham sido permitido receber no seguinte, na sua cela, um cavalheiro que lhe foi pedir a mão de sua filha. A cerimonia deve realisar-se breve.

### Os trens de praça

O Governador civil de Lisboa, mandou vir da Alemanha um interessante apparelho para servir nos trens de praça, marcando automaticamente as distancias percorridas, e marcando no fim da viagem o que o passageiro tem de pagar.

Em breve se realisaria as experiencias e, se derem bom resultado, o seu uso ficará sendo obrigatorio, passando o preço das carreiras a ser o seguinte:

De dia:—1 a 4 pessoas, 200 réis por cada mil metros e 100 réis por cada 500 metros a mais; 3 ou 4 pessoas, 200 réis por cada 750 metros, e mais 100 réis por cada 250 metros.

De noite:—1 a 4 pessoas, 200 réis por 500 metros; cada 300 metros a mais, 100 réis.

Haverá além d'isso uma tabella para o transporte de bagagens e para o tempo de espera.

Este apparelho chama-se *Taxometro* e tem a forma de um relógio de navio, com uma bandeira que se levanta quando o carro está desimpedido e que se baixa quando o freguez entra

### Refugiados hoers

A bordo do vapor de Bengalla que vem ja em caminho de Lourenço Marques para Lisboa, vêem além de 673 refugados hoers, com familia, 2 medicos, 4 enfermeiros, uma secção da *Crux Vermelha* hollandæza, o general Puidar com 6 pessoas de familia, o commandante Mostier e mais 12 officiaes graduados. A força policial a bordo é de 40 praças que regressam ao continente.

Na occasião da partida, os principaes d'estes emigrados entregaram ao governador geral de Mocimbeque uma mensagem de agradecimento pela hospitalidade que tinham recebido, e pela benevolencia com que os trataram as nossas autoridades alli.

### Um cygne viajante

Do Parque da Liberdade fugiu he dias um cygne branco, e longas horas andou passando, sem que se lhe soubesse do paradeiro. Por fim appareceu na praia de Algas, e ali como o não possedes agarrar, deram-lhe tres tiros de espingarda. Apesar d'isso, já mortalmente ferido, vouo para o mar e foi necessario dois hoers metterem-se n'um bote e irem agarrar-o ao cimo d'agua, quasi a morrer. D'ahi a pouco era d'uma vez um cygne branco!

## BRASIL-PORTUGAL

### Reducção no preço da assignatura e na venda avulso

O favor com que o publico dos dois paizes tem acolhido a Revista *Brasil-Portugal* permite á empresa, ao começar o 3.º anno da sua existencia, **reduzir consideravelmente o preço da assignatura da publicação, tanto em Portugal, como nas colonias portuguezas e nos Estados do Brasil.**

Da maneira porque ella tem procedido até hoje dão testemunho os milhares de leitores d'esta Revista, que tem numero a numero verificado os esforços empregados para a collocar ao lado das melhores Revistas europeias.

No 2.º anno, que hontem findou, foram publicadas cerca de mil gravuras, isto é, excedeu-se em muito o programma inicial, nenhum grande acontecimento brasileiro, portuguez ou internacional, deixou de figurar n'estas paginas, distribuiram-se chromos a cores **hors texte**, e conseguu-se que nomes dos mais illustres nas letras viessem abrlhantar estas columnas.

Além de outras valiosas acquisições feitas pela empresa e que mais realce vêm dar á publicação, além de melhoramentos que vão ser introduzidos, **esforçar-se-ha tambem por cumprir a promessa já feita de dedicar ás suas muito gentis leitoras um espaço na Revista consagrado ás *afilmãs modas*, e de que**

dará apropriados e elegantes **chromos tambem hors texte.**

Vae apparecer, do n.º 50 em deante, nas paginas supplementares, uma **secção destinada á NOTICIAS** que interessem os portuguezes no Brasil e os que nas colonias portuguezas tanto hoje contribuem para o engrandecimento da metropole.

E apesar das enormes despezas a que obriga uma publicação d'esta ordem, tem sido tão feundo e vasto o favor publico que, de hoje em diante, fica reduzida consideravelmente a assignatura do **Brasil-Portugal.**

A assignatura em Portugal já o anno passado soffreu uma importante redução. Pois vae ser ainda reduzida por forma que todos possam adquirir por um preço relativamente barato esta publicação. Poderão verificar, em summa os seus leitores, que a **Revista Brasil Portugal**, pelos novos preços constantes da tabella seguinte, são mais baratos que as suas similares estrangeiras.

Para o Brasil tambem é muito consideravel a redução que vae fazer-se na assignatura, indicada pela alta dos cambios, e em harmonia com as diminuções feitas, em Portugal, no 2.º e no 3.º anno.

O successivo augmento de assignatura nos diversos Estados da Republica Brasileira aconselhou esta medida, que, com muito prazer, hoje se annuncia a tantos que lá se tem interessado pelo desenvolvimento e prosperidade da

### EMPRESA.

#### NOVA TABELLA DE ASSIGNATURAS

Estados Unidos do Brasil	
Anno.....	{ Moeda brasileira... } 36\$000
Numero avulso.....	{ } 2\$900
Portugal	
Anno.....	5\$400
6 mezes.....	2\$900
3 mezes.....	1\$600
Numero avulso.....	8300

#### Ilhas, Africa e Estrangeiro

Anno.....	7\$400
6 mezes.....	4\$000
Numero avulso.....	5400

Para se poder apreciar a importante redução que fazemos nos preços e que começa a vigorar n'este 3.º anno, com o n.º 49 de 1 de fevereiro, publicamos a seguir a

#### TABELLA ANTIGA

Estados Unidos do Brasil	
Anno.....	{ Moeda brasileira... } 45\$000
Numero avulso.....	{ } 3\$500
Portugal	
Anno.....	6\$000
3 mezes.....	3\$500
6 mezes.....	2\$000
Numero avulso.....	8350
Ilhas, Africa e Estrangeiro	
Anno.....	8\$000
6 mezes.....	4\$500
Numero avulso.....	5300

Perez Galdós

## O CEGO

Versão livre de LORJÓ TAVARES

II

## Atravez das minas

— Já aqui as oficinas v. e. e em menos de 15 minutos. Cuidado com o caminho, que é mau, e muita cautela quando descer o plano inclinado. Costumam deixar os wagonetes na linha e com a cambira a terra escorrega como sabão. Boa noite!

O cego subiu por uma escada íngreme, talhada na escarpa, que fora reforçada com vigas grossas e pouso depois sumiu-se na sombra. Gólfim seguiu Nela.

Mercedez capítulo especial o que disseram? Pelo sim, pelo não, sempre o daremos.

III

## Um diálogo que servirá de exposição

— Espera ahí, não andes tão depressa, disse Gólfim, dirigindo-se a Nela. Deixa-me acender um charuto.

Não corria a mais leve aragem. Reinava uma serenidade absoluta na natureza.

Gólfim acendeu o charuto e em seguida acendeu a chamma do phosphoro do rosto de Nela. — Deixa-me ver a tua cara: quero conhecer-te, disse elle.

A rapariga encanou-o admirada e ficou n'elle os seus olhos negros a grandes, que brilhavam como carvoes.

Tinha um corpo de creança, pouco desenvolvido, de proporções reduzidas. No seu olhar havia o que quer que fosse de infantil, o que contrastava com a expressão da sua physiognomia de mulher. Entretanto era bem conformada e artistica a cabeça d'aquelle corpinho enfadado. Dir-se-ia uma mulher vista através de lentes concavas, ou uma creança com aspecto de adolescente. Ao vê-la, oscillava-se entre estas duas hypothese—ou progresso assombroso, ou atrazo deploravel.

— Que idade tens tu? perguntou Gólfim, atirando-lhe o phosphoro, que principiava a queimar-lhe os dedos.

— Dizem que tenho dezesseis annos, respondeu Nela, examinando por seu turno o doutor.

— Dezesseis annos! Estás pouco desenvolvida, pequena. Parece que tens doze, quando muito!

— Então que quer? T. doze dizem que eu sou um phenomeno, como o outro que diz, respondeu ella n'um tom que revelava compaixão por si propria.

— Um phenomeno! repetiu o medico, ponderando a mão sobre os cabellos. Talvez. Vamos, ensina-me o caminho.

A rapariga começou a andar, mas sem se afastar. Caminhava quasi ao lado de Gólfim, como se muito apreciase a honra de tão distinta companhia.

La descalça, sem se importar com as pedras, com os charcos e com os abrolhos. Vestia um trajó muito simples e curto, denotando, pelo corte rudimentar e pelo desalinho dos cabellos soltos e curtos, naturalmente ondedados, certa independencia mais propria d'uma selvagem que d'uma menina.

O seu modo de dizer as cousas era tão humilde e modesto, evidenciava de tal sorte o seu caracter sério e circumspecto, que Gólfim sentiu-se surpreendido.

Nela tinha uma voz harmoniosa e um modo delicado de falar, que não seria por certo filho de educação primitiva.

— Ora diz-me, tu vives nas minas! És filha de algum empregado?

— Dizem que eu não tenho paé nem mãe.

— Coitadita! Trabalhas nas minas?

— Nada, não senhor. Se eu não sirvo para nada... respondeu ella, sem levantar os olhos do chão.

— E é modesta a pequena! murmurou Gólfim, inclinando-se para mais de perto a examinar.

Nela tinha o rosto comprido, todo salpicado de sardas, testa estreita, nariz aguçado e gracioso,

olhos negros e vivos, mas em que havia por vezes rapidos lampejos de tristeza. Os cabellos d'um ruço escuro haviam perdido a cor nativa pela incuria, pelas ardenças do verão e pelas poeiradas dos montes. A bocca um ponto, e nos labios delgados pairava de continuo esse sorriso peculiar aos cadaveres, momentos depois de a vida se evaporar com o derradeiro pensamento para Deus.

A bocca de Nela, estheticamente falando, era mal tallada e feia, fealdade que desapareceria se se applicasse o verso de Polo de Medina:

... és tão linda no bocca que no pide...

Falasse, olhasse ou sorrisse, advinhava-se, á primeira vista, que aquella infeliz nunca estendera a mão á caridade publica.

Gólfim por um impulso de symphatia fundá acariocou-a, tocando-lhe na carita com os seus grossos dedos.

— Coitadita! Deus não foi generoso contigo! Com quem vives tu?

— Com o sr. Caetano, que é o capataz do gado das minas.

— Falas-me que não nasceste na abundancia, não. De quem és filha?

— Dizem que minha mãe vendia pimentos no mercado de Villamojada. Era solteira. N'um dia de defuntos teve me ella, e depois foi crear para uma casa em Madrid.

— Excelente mulher! murmurou Theodor com ironia. Talvez nem sabias quem foi teu paé...

— Veí, sim, senhor, respondeu ella com certo orgulho. Meu paé foi o primeiro que acendeu os candieiros em Villamojada!

— Caspité!

— Quero dizer... atalhou ella gravemente no tom de narrar um trecho de historia, quando o *ayuntamiento* poz pela primeira vez candieiros nas ruas, mas paé foi encarregado de os acender e limpar. Eu tinha sido creada por uma irmã de minha mãe, que tambem era solteira. O paé tinha tido umas bulhas com ella...

— Dizem que viviam juntos... viviam todos juntos... e quando ia acender os candieiros levava-me no cesto, com os vidros, as torcidas e almotolias...

Um dia, dizem, quando subiu ao candieiro, que está no ponto, para o limpar, por um cesto no parapeito, e eu rebolei do cesto para dentro do rio.

— E morreste afogada?

— Não senhor. Caii em cima d'umas pedras. Bendita seja a Mãe de Deus! Dizem que eu antes d'isso era bonita.

— Sim, decerto que eras muito bonita, repetiu Gólfim, commovido até ao fundo d'alma. E ainda o és. Mas diz cá: vives ha muito tempo nas minas?

— Dizem que ha-de haver uns treze annos. Dizem que minha mãe me recolheu depois de tal queda. Meu paé caiu doente, e como a minha mãe não quiz tratar d'elle, por ser muito mau, levaram-o para o hospital, onde dizem, se ficou. Depois d'isso a mãe veio trabalhar para as minas. Dizem que um dia o chefe a despediu por ella beber muita aguardente...

— E tu mãe?... Já me vem interessando a sua historia... E tu mãe foi...?

— Foi lá riba, onde ha um buraco muito grande, disse Nela, olhando para o doutor, e n'um tom extremamente pathetico, e metteu-se lá dentro.

— Garambá! Que final tão tragico! E não tornou a apparecer?

— Não tornou, respondeu ella com muita naturalidade. Ainda lá está dentro.

— E depois d'essa catastrophe, disse Gólfim carinhosamente, ficaste aqui trabalhando. E' um trabalho muito pezado o das minas, pois não?

— Estás toda tsitada pelo calor do mineral, e a mal alluminação deu-te esse aspecto enfadado...

Não ha natureza por mais robusta, que resista a essa labuta constante...

— Nada: eu não trabalho. Todos dizem que eu não sirvo, nem posso servir para nada...

— Não serves, uma joia como tu!

— Pois se eu não sirvo para nada! disse Nela insistindo, n'um tom de convicção. Se eu não posso trabalhar! Se peço n'um peso, ainda que seja muito pequeno, vou-me abaixo com elle. Se até desmaio quando me ponho a fazer uma cousa mais difficilissima!

— Hum! Caisas tu em outras mãos que souberes lapidar-te e veriamos então.

— Não senhor, fez ella com emphasis, como se se eloquisse. Se eu só sirvo de estorvo!

— Andas então por ahí ao Deus dar?

— Não senhor. Sirvo de companhia ao Paulo.

— Paulo? quem é?

— E' o cuginho, que o senhor encontrou na Terrivel. Eu sou o cão d'elle, ha anno e meio. Levo-o a toda a parte. Andamos por esses campos fóra.

— E' bom rapaz esse Paulo, não é?

Nela parou e cravou no doutor os olhos que brilhavam de enthusiasmo.

— Santa Mãe de Deus! exclamou ella. Meu querido amiguinho de minha alma! Não tem vista, mas tem mais sabedoria que todos que veem.

— Gosto muito d'elle, sabes? E' de cá?

— E' sim, senhor. E' filho unico do sr. D. Francisco Penaguilas, um senhor muito bom e muito rico, que vive nas casas de Aldeacobra.

— Ora diz-me, não é? porque é que te chamam Nela? Que quer isso dizer?

A rapariga encolheu os hombros e respondeu pouco depois:

— A minha mãe chamava-se sóra Maria Canela, mas chamavam-lhe Nela. Dizem que é nome de cadella. Eu chamo-me Maria e tambem me chamam Maria Nela. Uns dizem Marianela, outros Nela só.

— E tu amo é o teu amigo?

— Sim senhor. E' muito bom. Elle diz que vê pelos meus olhos, porque eu levo-o a toda a parte e digo-lhe como são as cousas que vejo...

— As cousas que elle não vê, disse Gólfim encantado com o dialogo.

— Sim senhor, digo-lhe tudo. Elle pergunta como é uma estrella e eu pinto-a tão bem fallando, que é o mesmo que se elle a visse. Explico-lhe tudo: como são as hervas, as nuvens, o ceu, a agua, os relampagos, as borboletas, o fumo, os caracos, o corpo e as caras das pessoas e dos animaes. Digo-lhe o que é feio e o que é bonito, e assim vai aprendendo.

— Vamos lá que é ardua a tarefa. O feio e o bonito, hein? Bagatela! Occupa-te com esse assumpto? Tu sabes lêr?

— Não senhor. Se eu não sirvo para nada! Dizia isto n'um tom de grande convicção e no gesto com que sempre acompanhava estas palavras parecia dizer: «está a mangar: pois não vê que eu não sirvo para nada?»

— Desajaras que o teu amiguinho recuperasse a luz dos olhos?

A rapariga conservou-se silenciosa por momentos.

— Deus do ceu! disse ella por fim. Isso é impossível!

— Impossível não: difficil.

— O senhor engenheiro director das minas deu esperanças ao sr. D. Francisco.

— Carlos Gólfim?

— Sim senhor. O sr. D. Carlos tem um irmão que é medico e cura olhos, e dizem que dá vista aos cegos e que põe bons os tortos.

— Que habilidade de homem, hein?

— Sim senhor. E como o medico mandou dizer ao irmão que vem cá, o irmão mandou-lhe dizer a ella que trouxesse as ferramentas para ver se podia dar vista ao Paulo.

— E esse homem de habilidades já veiu?

— Não, senhor. Como anda sempre por essas Americas e por essas Inglaterra, não poderá vir tão cedo. O Paulo ri-se d'isso, e diz que esse homem não é capaz de lhe dar o que a Virgem Nossa Senhora lhe não deu ao nascer.

— Talvez tenha razão... Mas diz-me, Nela: andas a estudar? Vejo acolá umas chaminés deitando rolos de fumo negro, e uns clarões que parecem de forjas.

— Estamos quasi chegados. São as forjas de calcinação, que ardem noite e dia. Aqui, em frente, estão as machinas de lavagem, que só trabalham de dia. A' direita é o deposito e lá em baixo as officinas.

Gólfim parou o olhar. O fumo envolvia, como n'um véo, todas as constellações, que se destacavam confusamente no céu illuminado pelo luar.

— Bello ponto de vista, não ha duvida, mas não me tentaria viver aqui. Tudo fumo! Onde são as officinas?

— Acolá. Já falta pouco.

Depois de passar a frente dos fornos, cujo calor o fazia estagnar o passo, o doutor achou-se junto d'um edificio de paredes sombrias, tsitadas de fumo. Ao mesmo tempo chegaram-lhe os ouvidos os sons d'um piano, que um tocador fazia vibrar com verdadeiro frenesi musical.

— Esplendido! exclamou Gólfim. Conheço os dedos de minha cunhada.

(Continúa).

## BRASIL-PORTUGAL

Revista litteraria illustrada,  
quinzenal

MEDIA 50 GRAVURAS POR NUMERO

litteratura, sciencia, viagens, modas,  
chromos, a côres, etc.

Os nomes illustres de Portugal e do Brasil

O n.º 49, de 1 de fevereiro, abre o 3.º anno

Consideravel reduçãõ no preço da assignatura  
Outras vantagens aos assignantes

Rua do Carmo, 15, 1.º

## ALMANACH ILLUSTRADO

DO

Brasil-Portugal

Está á venda em todas as livrarias e agen-  
cias o ALMANACH ILLUSTRADO DO BRASIL  
PORTUGAL para 1901.

EM PREPARAÇÃO:

## O ALMANACH PARA 1902

Aceitam-se desde já annuncios

## Salsa, Tayuyá e Mururé Beirão

Soberano depurativo do sangue

Approvada pela Illustrada Inspectoria de hygiene do Pará

Para doenças originarias do sangue viciado, diffe-  
rentes manifestações da syphilis, rheumatismo, gotta,  
cancros, escrophulas, tumores, boubas, ulceras de  
mau caracter no collo do utero e garganta, inchação  
nas pernas, molestias da pelle, empigens, darrtos,  
escoriações, granulações no rosto, vegetações e ble-  
nhorragias agudas ou chronicas, dores steocopas e ne-  
vralgias, inflammações visceraes de olhos, ouvidos,  
nariz, garganta e intestinos, e nas doenças determi-  
nadas por saturaçãõ mercurial.

## A SALSA TAYUYÁ E MURURÉ

Demanda muito pouco resguardo e pôde ser usada  
sem que a pessoa interrompa suas occupações; ape-  
nas se deve evitar as comidas salgadas e gordurosas  
e o uso de bebidas alcoolicas.

DEPOSITO — Drogaria Beirão

de  
Carvalho Leite & C.ª

103, RUA CONSELHEIRO JOÃO ALFREDO, 103

PARÁ

## LA BÉGARRE

F. CARNEIRO & C.ª

## PAPELARIA E TYPOGRAPHIA

Grande sortimento de papeis nacionaes e estrangeiros. Arti-  
gos para pintura. Pertences de escriptorio. Objectos artisticos  
para brindees. Trabalhos typographicos em todos os generos.

Rua Nova da Almada, 47 e 49—LISBOA.

## Agencia Financial

DE

PORTUGAL

Rua General Camara—RIO DE JANEIRO

SOBRE-LOJA DO EDIFICIO

DA-51. 053357103 65

Associação Commercial do Rio de Janeiro

Continua aberto o pagamento de jros da 'divida publica  
portuguesa, fundada e amortisavel nos termos da legislaçãõ vi-  
gente, e bem assim a emissãõ de

Saques sobre Portugal

pagaveis pelo BANCO DE PORTUGAL (CAIXA  
GERAL DO THESOURO PORTUGUEZ) em to-  
das as capitaes de districto e sedes dos conce-  
lhos do reino e ilhas adjacentes.

O agente Financeiro

ALFREDO BARBOSA DOS SANTOS.

## Ao Bazar da Indústria

TAVEIRA BARBOZA & C.ª

L. CONSELHEIRO JOÃO ALFREDO, 42—Caixa Postal n.º 487—BRASIL—PARÁ

Completo sortimento de artigos para escriptorio, papelarias, ferveus em brason, chapens,  
tarantulas, cordas para violão, teclado. Caixas de musica. Roupas feitas, perfumarias, belle-  
medes. Camas de viagem, binoculos, artigos para presentes.

GRAND HAYON DE MIUDEKAS

O systema de vender tudo num pouco leatro é applicado ao Bazar da Indústria

Vendas por atacado e a retalho

# GARANTIA DA AMAZONIA

SOCIEDADE DE SEGUROS MUTUOS SOBRE A VIDA

Estado financeiro em 1 de Janeiro de 1900

Propostas recebidas para seguro até esta data... 70.263:000\$000

Seguros realizados em vigor.....	50.297:000\$000	Reserva de re-seguro .....	2.601:385\$377
Novos seguros propostos em 1899 .....	24.451:000\$000	Sobras-Garantia suplementar .....	491:282\$804
Seguros aciltes em 1899 .....	20.895:000\$000	Valor actual sobre o valor nominal de titulos e predios que possuem.....	100:000\$000
Propostas para seguros recusadas em 1899 .....	3.556:000\$000	Sinistros pagos até esta data.....	1.028:006\$000
Renda em 1899 .....	3.428:548\$128		

CONCLUINDO O SEU PARECER, DISSE O CONSELHO FISCAL:

"Estes algarismos que definem perfeitamente os factos que acabamos de frisar, fallam talvez mais alto e mais eloquentemente em abono da correcção, zelo e criterio com que a sociedade foi administrada do que qualquer outro encemio que aqui registrassemos.



E, referindo-se ao pagamento de sinistros, o Presidente chamou a attenção para o facto de que:

"Nenhuma reclamação dividamente feita estava por satisfazer na data em que se fechou o balanço".

Sociedade de Seguros Mutuos Sobre a Vida

## ✧ GARANTIA DA AMAZONIA ✧

Faz mais negocio, tem mais seguros em vigor, tem os seus capitães mais bem empregados, possui maiores reservas e realisa maiores sobras annualmente do que qualquer companhia do mesmo genero.

Séde social

BELEM DO PARÁ-BRAZIL





Casa Fundada em 1886

**JOSÉ MENDES LEITE & C.**

DEPOSITO DE INSTRUMENTOS DE MUSICA

18, Rua 15 de Novembro, 18

Instrumentos de Musica

ou

Accessorios para os mesmos

NO DINERO

UNICA CASA DE CONFIANÇA

Especialidade  
em cordões para violão,  
rebocas e violas

Endereço telegraphico

«Mendes»

Caixa no correio

N.º 488



Registrada por despacho da *Meximissima Junta Commercial* de 6 de Maio de 1897 sob o n.º 10.



Este estabelecimento, que é, no seu genero, o primeiro de todo o Estado do Pará e do Norte do Brasil, importa directamente todos os instrumentos de musica, de metal e de madeira, e encarrega-se de quaisquer encomendas.

O seu proprietario, José Mendes Leite, garante a qualidade, a solidez, perfeição e afinação normal de todos os instrumentos. Dirigir todos os pedidos a

**José Mendes Leite & C.**

Rua 15 de Novembro, n.º 18

PARA



# ANTONIO DO COUTO

ALFAYATE

Recebe e satisfaz encomendas para o Brasil e Africa com grande desconto

→ Sempre as ultimas novidades ←

RUA DO ALECRIM, 111, 1.º

LISBOA

Premiado na Exposição Universal de Paris de 1900. Variado sortimento de fazendas de lã e seda proprias para todas as estações.

MAISON NOUVELLE



MAISON NOUVELLE

Modas e Confecções

Com atelier de vestidos e alfayate

← ANTONIO RODRIGUES CHAMUSCO →

Rua do Carmo, 68 a 72 — Quina das escadilhas de Santa Justa

Atelier-Photo-Chimico-Graphico

P. MARINHO & C.º — Rua de S. Paulo, 216, 2.º — LISBOA

NUMERO TELEPHONICO 829

Trabalhos em todo o genero de gravura, autotypia, zincographia, chromotypia, etc. Especialidade em photogravuras. Os preços mais baratos do paiz, em todos os trabalhos.

Execução perfeita.

COMPANHIA

PHENIX PERNAMBUCANA

(SEGUROS MARITIMOS E TERRESTRES)

FUNDADA EM 1870

DIRECTORIA Dr. Manoel Gomes Matta  
Joaquim Dias Fernandes  
Luiz Duprat

SÉDE: RECIFE — RUA DO COMMERCIO, 46

PERNAMBUCO

PROVAE os DELICIOSOS  
VINHOS DO PORTO  
DE  
Constançino d'Almeida



JOÃO BASTOS & C.ª

COMISSÕES E CONSIGNAÇÕES

LISBOA — Rua da Prata, 14, 1.º



Castro Matta & Irmão

CASA IMPORTADORA

Commissões e Consignações

Especialidade em vinhos e azeites  
Portuguezes

RNDR. TELEGR. - ALDA.

C. do Correo 212

R. 15 de Novembro, 16

PARÁ



## PERNAMBUCO PENSÃO DERBY

Hotel instalado com todo o conforto moderno n'um dos pontos mais pittorescos e saudáveis de Pernambuco.

60 salas e quartos. Salão de visitas e de leitura. Banhos em todos os andares. Luz electrica. Cozinha superior e vinhos escolhidos. Grande salão de bilhares. Jogo da bola. Botes para passeio, etc., etc.

PREÇOS MODICOS

GERENTE — ISAAC ALVAREZ Y RODRIGUEZ

Endereço telegraphico-DERBY. Casa de correio n.º 103. O Bond do Derby passa perto de Pensão.

## HOTEL BRAGANÇA

Rua Entreparedes, 61. PORTO

Completamente restaurado e mobilado. Tratamento de primeira ordem, dispondo de 80 quartos independentes, com janellas muito confortaveis e hygienicos.

O Hotel Bragança, pela sua situação na cidade do Porto é o unico que convem aos viajantes com familias.

Pensão diaria 1:000 réis comprehendendo alimentação e vinho

O actual proprietario e gerente J. F. Marreiros convida todos os viajantes a installar-se no

## HOTEL BRAGANÇA

Endereço telegraphico MAREIRO

### VINHOS DO PORTO

Marca registrada

Sanlos J.º

Porto



Casa fundada em

1872

Premiada com os primeiros premios em todas as exposições.

COMPAGNIE  
des Messageries Maritimes  
Paquebots post français  
LIGNA TRANSATLANTICA



Para Dakar, Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Montevideo e Buenos Ayres.

Para passageiros de 1.º classe trata-se com José Antonio dos Santos & C.ª, 4, Praça dos Remoleros.

Para carga, passagem e todas as informações, trata-se na agencia da Companhia, Rua Aurora, 22.

Pela Companhia des Messageries Maritimes

San. Feriadas.

## V.ª WENCESLAU GUIMARAES & C.ª

Commissões e Consignações

IMPORTADORE DE VINHOS

Telegrammas

Wenceslau Rio

Caixa de correio

N.º 272

R. General Camara, 17

RIO DE JANEIRO

## ENCYCLOPEDIA PORTUGUEZA ILLUSTRADA

Fecha-se publicado e 1.º volume. Preço em todo o Brasil (moeda brasileira) broch. 33\$500 réis, enc. 40\$000 réis. Assigatura permanente. — Publicação de uma caderneta mensal ao preço de 3\$000 réis franco de porte.

EDITORES: LEMOS & C.ª successores  
Largo de S. Domingos, 63. — PORTO  
AGENTES NO RIO DE JANEIRO

A. Mascarenhas & C.ª — Rua da Quitanda, 38

Agente geral no Brasil: Luiz Guedes d'Amerim

CAPITAL DO ESTADO DE COYAZ

## DICIONARIO UNIVERSAL publicado sob a direcção de MAXIMIANO LEMOS

Leito da Escola Hylio-Geographica da Parte

Com a collaboração efectiva de dr. Adriano Anthero de Souza Pinto, Alberto de Aguiar, A. A. Ferreira de Carvalho, A. J. Ferreira da Silva, D. Antonio Barroso, A. A. Costa Ferreira, Bento Carqueja, cons. Bernardino Machado, Clemente Pinto, Domingos Correia, Domingos Ramos, Eduardo Sequeira, Ernesto Mala, Firmino Pereira, Francisco Antonio Pinto, cons. Francisco da Paula Cid, Francisco de Azevedo, Francisco Ribeiro Nobre, Henrique Carvalho d'Albuquerque, Jayme de Faria, Jayme Filho, dr. João Feiva, Joaquim A. Cambare, José Candido Correia, J. N. Raposo Botelho, J. N. Raposo Botelho, José Nunes Gonçalves, José Pereira de Sampaio (Brazão), dr. Julio Henriques, Julio Portella, Luiz Viçosa, M. d'Oliveira Ramos, Nuno Queiroz, Paulo Marcelino Dias Freitas, dr. Ricardo Jorge, dr. Roberto Frias, Simão Machado, Theophilo Braga, Valentin de Magalhães, cons. Wenceslau de Lima.